



PROPOSTA
PEDAGÓGICA

Introdução

A educação oferecida no Colégio Renascença fundamenta-se nos seguintes princípios, pilares fundamentais para o desenvolvimento de uma ação educativa sistemática e intencional: convívio da tradição e modernidade; convívio com a diversidade; aprendizagem como processo de construção do conhecimento e construção da identidade.

Entendemos tradição e modernidade como conceitos polissêmicos que estão presentes no universo escolar, seja na forma de embate e conflito, seja na forma de complementaridade.

A modernidade não exclui a tradição, compreendida como os valores e as práticas que historicamente se perpetuam ao longo do tempo e que permanecem nos dias atuais. Nesse sentido, a tradição não é vista como passado da modernidade e nem a modernidade como um progresso em relação à tradição. Há traços da tradição na modernidade.

Ao partirmos, portanto, da premissa de que a tradição não se contrapõe à modernidade, superamos a dicotomia simplificada entre sociedades tradicionais e sociedades modernas e entre educação tradicional e educação moderna. Assim, para construirmos uma educação que esteja mais próxima da realidade de nossa comunidade e que obtenha, nas permanências da tradição, os elementos constitutivos da própria modernidade.

Vivemos a modernidade na sua diversidade, fragmentação e pluralidade marcadas pela globalização, experienciando a rápida transformação – inclusive virtual - típica deste tempo.

Nesse sentido, um dos grandes desafios da escola é inserir o aluno no mundo moderno, de forma a ajudá-lo na compreensão e crítica desta complexidade, que só será possível com o acesso ao legado cultural que herdamos e que define o conhecimento humano expresso nas diferentes disciplinas. Ao situar as novas

gerações nos dilemas, conflitos, avanços e recuos na constituição dos saberes em constante transformação, oferecemos a elas a possibilidade de narrarem-se como parte desta história.

Transmitir uma tradição, um estilo de vida e uma identidade é o que as sucessivas gerações têm feito desde a época de Avraham, com uma persistência sem par nas crônicas da civilização humana; mas saber fazê-lo, em uma época em que a identidade judaica se tornou fragmentada e confusa é muito mais complexo. É uma situação que enfrentamos poucas vezes em nosso passado, e é isso que marca o nosso tempo como uma nova era da história judaica.

Como um dos principais desafios da escola, apontamos o convívio com a diversidade diante da globalização em que estamos imersos. Reconhecemos que a diversidade é uma construção histórica, cultural e social, marcada pelas relações de poder.

Dentro deste cenário, cabe a nós o papel de tornar observável às novas gerações o processo constitutivo das experiências humanas, convidando-as para um constante exame crítico do sistema de crenças e valores presentes em um mundo no qual a complexidade das diferenças muda com o tempo e assume formas diversas em distintos contextos. Assim sendo, no processo de organização da nossa prática educativa, desde a seleção dos conteúdos para cada ano até o planejamento das situações educativas a serem desenvolvidas em sala de aula, temos como preocupação uma abordagem que contemple tanto a diversidade cultural (multiculturalismo), inclusive, dentro do próprio judaísmo, quanto a diversidade de estilos e possibilidades de aprendizagem apresentadas pelos diferentes alunos.

As situações educativas são organizadas de modo a garantir a cada um a possibilidade efetiva de aprender, organizando e desenvolvendo um currículo de qualidade para todos.

Na organização de situações de aprendizagem buscamos garantir aos alunos a constituição da escola como um espaço investigativo, no qual a busca de compreensão do mundo demande uma atitude de pesquisa, tanto por parte dos

professores quanto dos alunos. Sustentar essa atitude investigativa diante do conhecimento aponta a necessidade de elaborar e desenvolver projetos nos quais estejam implicadas as diversas áreas do conhecimento, projetos estes que problematizem situações por meio das quais seja possibilitado aos alunos o exercício da pergunta, da investigação, da escolha sustentada, da articulação de saberes e informações, do registro e da comunicação do conhecimento construído.

No processo de aprendizado, o professor investe em uma relação dialógica, pois o pressuposto é que a construção de conhecimento só acontece na interação com o outro (seus pares, outros adultos além do professor) e com o objeto de estudo. O ambiente escolar, portanto, é gestado pelos educadores, de forma a garantir uma rede de relações interpessoais que promovam o diálogo e o respeito aos diversos pontos de vista frente aos conflitos, sem que sejam desconsiderados em todo o processo de aprendizado os princípios éticos e morais.

Como ensina a psicanálise, o ser humano é marcado pela incompletude, termômetro da vitalidade. O conflito, a indignação, a resistência, a falta impulsionam-nos a desejar, a inventar, a sonhar e a criar. O não saber, a crise e a ausência de respostas às nossas perguntas trazem desassossego, mas é aí também que reside a possibilidade de transformação e de equilíbrio, mesmo que temporário.

Desta forma, cabe à escola constituir, no processo educativo, um aluno ativo e comprometido com o estudo e o saber, assumindo uma postura respeitosa diante de si e dos parceiros.

Assim, pensamos na avaliação como mais uma possibilidade de aprendizagem, a qual incite situações diferenciadas que propiciem a articulação e coerência de raciocínio para a ampliação do conhecimento e incentivo ao pensamento crítico.

A avaliação, sob essa ótica, tem caráter formativo, pois possibilita ao aluno pensar, aplicar conceitos e articular informações para que o pensamento apresente-se de forma clara e coerente nas mais diversas linguagens.

Nossa atuação baseia-se em uma constante reflexão e avaliação das práticas

educativas, uma vez que o modo como concebemos a relação de ensino e aprendizagem supõe o sujeito como construtor de conhecimento da própria identidade, a partir da interação que estabelece com o outro (seus pares, adultos com quem convive) e com os diversos objetos de estudo. Para tanto, procuramos estabelecer uma relação dialógica que pressupõe o reconhecimento e a legitimidade de seus interlocutores e das suas diferenças.

A escola compreende que, enquanto elaboram suas explicações sobre o mundo e as pessoas, os alunos também constroem sua identidade. Nesse processo, é essencial a preservação da cultura judaica pela memória, baseada em vivências e reflexões. Isso propicia as condições para que ressignifiquem os princípios éticos que herdaram e desenvolvam os valores universais da humanidade, tais como o exercício da alteridade (uma das mais importantes facetas do amor ao próximo), a justiça e o respeito à dignidade e singularidade de todas as pessoas. Dessa maneira, procura-se garantir a conquista de uma inserção consequente e construtiva no mundo.

EDUCAÇÃO INFANTIL

O ciclo da Educação Infantil caracteriza-se por ser o momento de inserção da criança no universo escolar. É função da escola acolher as crianças em suas necessidades individuais e, ao mesmo tempo, inseri-las no coletivo. Favorecemos as interações sociais, possibilitando o estabelecimento de laços afetivos, o que contribui para o reconhecimento de si e do outro e estimula o convívio e respeito às diferenças. Com o intuito de propiciar ao aluno maior segurança, criamos condições para que esse processo de troca e de envolvimento social aconteça de maneira progressiva.

Brincar, cuidar de si mesmo e dos outros e aprender são os pilares essenciais que embasam nossa prática. O brincar está presente no dia a dia escolar e, à medida que os alunos brincam, desenvolvem papéis e enredos construídos individual e coletivamente. Ao brincar, a criança imita, imagina, representa e comunica, com ações, a maneira como compreende a realidade. Para tal, proporcionamos ambientes enriquecedores, instigantes e desafiadores para que a criança avance em suas aprendizagens e construa seu pensamento.

Tanto o cuidar quanto o educar são necessários para o desenvolvimento das crianças em suas diferentes dimensões - física, cognitiva, afetiva e social. Assim, os alunos são incentivados a cuidar de si, dos outros, de seus pertences, do espaço e das relações que se estabelecem. Estas vivências são fundamentais para que os alunos construam a autonomia necessária para a tomada de decisões e para o futuro exercício da cidadania.

As rotinas são organizadas por meio de atividades permanentes - roda de história, momentos de livre escolha, artes -, sequências de atividades e projetos interdisciplinares, literários, entre outros, propiciando aprendizagens significativas, isto é, desenvolvendo o olhar curioso, o questionamento, a pesquisa, o confronto com outros saberes, vivenciando os conteúdos das diferentes áreas do conhecimento e a formação pessoal e social. A escolha se dá pela crença na criança "coprodutora" de cultura e no educador sensível que, ao

ouvir atentamente as questões, seleciona assuntos, concretiza pesquisas referentes às buscas dos alunos e as aprofundam nos projetos junto ao grupo.

A cultura judaica é fonte de conhecimento e valores e proporciona ligação afetiva com a tradição milenar, bem como amplia a visão de mundo do nosso aluno. Os projetos de pesquisa e as festas judaicas são considerados como "um vir a ser", uma construção coletiva feita no cotidiano escolar, a partir dos interesses, necessidades e dos objetivos didático a serem desenvolvidos em cada faixa etária, integrando as múltiplas linguagens expressivas.

Contribuir para a aprendizagem e desenvolvimento dos alunos é tarefa exigente e complexa: começa pelo tempo de conhecer a criança e segue por alimentar uma atitude de curiosidade pelo mundo, em busca de uma formação cultural ampla. Nesta tarefa, vemos os pais como nossos parceiros e oportunizamos a participação das famílias em atividades integradoras, reuniões individuais e coletivas e demais eventos do colégio.

A partir do Infantil 4, ampliamos a permanência dos alunos, oferecendo, às segundas e quartas, no período da tarde, outras situações desafiadoras para a conquista de autonomia e de habilidades específicas e para o aprendizado contínuo e integrado com oficinas de arte, jogos de tabuleiro, leitura, lego, movimento e dança israeli.

Eixos de trabalho

A prática da Educação Infantil caracteriza-se por eixos de trabalho norteadores do desenvolvimento de habilidades e competências. Cada eixo organiza-se em grandes blocos desenvolvidos de forma gradual; a cada ano os conteúdos ampliam-se, adequando-se às possibilidades e capacidades da faixa etária.

a) Conhecimento e cuidado de si, do outro e do ambiente socioafetivo

- Modos de cuidar são transmitidos por meio de práticas culturalmente instituídas e atualizadas a cada geração. Os professores auxiliam e ensinam a criança a cuidar de si no que se refere à higiene, alimentação e segurança. Essa considera seus pares na interação, por meio do brincar, ampliando seus vínculos

gradativamente. O cuidado com o ambiente refere-se à formação de atitudes, valores e saberes relativos ao planeta Terra e às formas como os homens exercem ações que preservam ou destroem o ambiente da natureza.

b) Experiências de brincar e imaginar

- Garantir o brincar assegura à educação uma perspectiva criadora, em que a brincadeira possibilita o estabelecimento de formas de interação, de apropriação e produção de cultura, do exercício da autonomia e da criação.

c) Linguagem verbal

- Considerar a utilização da língua oral e escrita como instrumento de expressão e comunicação incentiva a participação ativa da criança na construção do uso, função, propósito social da linguagem e, assim, maior acesso à cultura. Além da língua portuguesa, a criança entra em contato com a língua inglesa e hebraica, que, neste caso, tem uma conotação cultural.

d) Conhecimento matemático

- A aproximação de noções matemáticas a partir de situações do dia a dia promove nas crianças o desenvolvimento de habilidades como contar, refletir sobre o espaço e as formas que as rodeiam. Adotamos como propostas os processos investigativos, a construção de argumentações lógicas, as generalizações que possibilitam enxergar o mundo sob uma perspectiva diferente.

e) Natureza e Sociedade

- A apropriação do espaço físico e social ao qual a criança pertence se dá por meio das interações com adultos e crianças, da exploração curiosa dos objetos ao seu redor, da aprendizagem de cuidados consigo e com o ambiente, da construção gradativa da autonomia, sociabilidade e identidade. Ao aprender a ler o mundo, a criança desenvolve sua capacidade de observar regularidades e permanências, formular noções de espaço e tempo e fazer aproximações em torno da ideia de causalidade e transformação.

f) Linguagens artísticas

- Este eixo de trabalho permeia muitas das propostas da rotina do Infantil, reserva à criança um tempo de descobrir diferentes possibilidades, por meio da apropriação dos diferentes fazeres da arte (musical, teatral e visual). A criança utiliza as linguagens expressivas e aproxima-se dos materiais e ferramentas do processo criativo entrando em contato com aspectos da cultura brasileira, judaica e universal.

g) Linguagem corporal

- À medida que se expressa corporalmente nas situações cotidianas organizadas na escola, a criança conhece as qualidades resultantes da combinação de espaço, peso/força, tempo e fluência. Em propostas como dança, jogos e brincadeiras, a criança enriquece seu potencial expressivo conforme aprende sobre diferentes culturas e ritmos por meio da livre expressão, do conhecimento do próprio corpo e da ampliação das competências corporais.

1º e 2º anos

Acreditando na especificidade desta fase do desenvolvimento da criança em relação ao processo de alfabetização e letramento, desenvolvemos uma proposta diferenciada para esta faixa etária. O Ciclo de Alfabetização, composto pelos 1º e 2º anos, reúne crianças que completam 6 e 7 anos, que darão continuidade ao processo de sistematização dos conteúdos e maior formalização das aprendizagens.

Quem se alfabetiza deve fazer da leitura e escrita ferramentas de informação plena, de validação, direitos, necessidades e conhecimento. Nessa fase, é primordial a conquista da habilidade da leitura, da escrita, do cálculo e da resolução de problemas.

Nessa etapa da escolarização, as situações de aprendizagem estão voltadas para o desenvolvimento da autonomia, aprender a conviver e da capacidade de fazer escolhas. Compreendemos que, nesse momento, os alunos já são capazes de se mobilizar para os estudos, assumindo gradualmente uma atitude de maior organização, concentração e responsabilidade coletiva e pessoal. Ao mesmo tempo, têm na brincadeira, os elementos essenciais para se desenvolverem de modo integral e integrado, em seus aspectos físicos, sociais, emocionais, culturais e cognitivos.

Respeitando essas necessidades e características da faixa etária, equilibramos o cotidiano escolar, de modo que as crianças tenham tempo e espaço para aprender, para brincar e para estudar.

O aprender de si, do outro e do mundo acontece nas interações com outras crianças, em situações organizadas de ensino, mediadas pelos professores. As turmas heterogêneas e a organização dos alunos para o trabalho coletivo e em duplas propiciam a troca de saberes e experiências. Enquanto brincam e compartilham conteúdos e conhecimentos específicos, aprendem a respeitar a

diversidade e a lidar com as divergências, em um exercício constante de convivência.

As disciplinas estão a serviço dos principais eixos de trabalho: a construção / desenvolvimento da aquisição da leitura, da escrita e da matemática; o aprender a aprender; a compreensão do ambiente natural e social, das tecnologias, da arte e dos valores éticos, humanos e culturais.

O trabalho da área judaica tem como objetivo o maior fortalecimento da identidade judaica por meio das vivências das tradições caracterizadas pela língua hebraica, literatura, dança e outras formas de expressão. Inicia-se o processo de alfabetização na língua hebraica, considerada um dos elementos que une o povo judeu. A partir do desenvolvimento da oralidade no idioma e ampliação gradativa do vocabulário, os alunos começam a identificar as primeiras estruturas linguísticas, base para a alfabetização.

Os alunos têm o primeiro contato com as histórias da Torá, contadas oralmente, desenvolvendo os sentimentos de pertença e identificação com a religião judaica.

Eixos de trabalho

Ao considerarmos que o aluno desta faixa etária está constituindo sua identidade e, a partir do conhecimento do eu, volta-se à percepção “do outro”, este necessita da intervenção do educador para aprender a conviver e proporcionar meios para que a criança alcance maiores níveis de autonomia, nos seguintes aspectos:

a. Socioafetivo

- Construção de uma imagem positiva de si enquanto aprendiz.
- Conhecimento de si e dos outros, percebendo-se enquanto ser inserido num contexto coletivo e cultural, acolhendo semelhanças e diferenças com respeito e estabelecendo trocas com seus pares tanto ao brincar quanto ao estudar.
- Desenvolvimento de atitudes e procedimentos para o estudo, a partir da construção de uma rotina para realização de tarefas e da organização dos novos materiais.
- Utilização da tecnologia digital como ferramenta para buscar conhecimentos.

b. Cognitivo, nas diferentes áreas do conhecimento

- Língua Portuguesa: utilização dos mecanismos básicos do sistema de escrita para expressar-se e comunicar-se com os outros; oralmente nas múltiplas situações cotidianas e por escrito, em atividades, por meio das quais atinjam a fase alfabética (ao final do 1º ano) e estejam alfabetizadas ao término do 2º ano.

Observação: Entende-se por alfabetização o processo de construção da escrita ortográfica e da leitura fluente, que se desenvolve a partir do 2º ano, numa progressão, respeitando o ritmo e diferenças individuais dos alunos.

- História, Geografia e Ciências: utilização mediada de diferentes fontes de observação e investigação para ampliação de conhecimento e de recursos de aprendizagem. Percepção dos modos de ser, de viver e de trabalhar de alguns grupos sociais do presente e do passado, valorizando as diferentes formas de expressão cultural.

- Matemática: desenvolvimento da curiosidade por meio de jogos e brincadeiras, registros, observação do espaço e tempo, reconhecimento, no cotidiano, das diferentes funções do sistema de numeração, de resolução de situações-problema que envolvam números, formas, medidas e registro de diferentes formas de cálculo.

- Educação Física: percepção do corpo em relação ao meio, desenvolvimento de imagem positiva de si pela superação de desafios, ampliação de habilidades expressivas e habilidades motoras de coordenação e equilíbrio.

- Arte: aprimoramento das noções sobre as linguagens plástica, corporal e musical. Ampliação de recursos para brincar, expressar ideias, conhecimentos, imaginação e emoções.

- Língua Inglesa: desenvolvimento da oralidade por meio de projetos que favoreçam o trabalho interdisciplinar a partir do estudo de diversos gêneros textuais, comunicando-se com crescente desenvoltura, em diferentes contextos e ampliando gradativamente o repertório no idioma.

- Estudos judaicos: identificação dos valores mais significativos e o histórico de

cada celebração, relacionando esses conhecimentos às vivências cotidianas. O Programa Tal Am תל עם , proporciona maior fluência em Língua Hebraica e traz, em seu nome, a essência do legado judaico:

- ✓ *Am* (povo): responsabilidade coletiva;
- ✓ Israel: centralidade nas nossas vidas;
- ✓ *Lashon* (língua): hebraica como herança, comunicação, identidade e contato com as fontes.

3º, 4º e 5º anos

Essa etapa do Ensino Fundamental reúne crianças de 8, 9 e 10 anos e tem como objetivo ampliar gradualmente o exercício reflexivo dos alunos, a fim de favorecer o desenvolvimento de uma postura crítica que lhes possibilite aproximar-se de conceitos mais complexos. Esses exercícios reflexivos são feitos por meio das experiências e vivências no cotidiano escolar, pertinentes à tradição e a cultura de nossa época.

O desenvolvimento da autonomia baseia-se no exercício constante do respeito ao outro. O aluno observa, no dia a dia, o exemplo de respeito que o professor oferece, envolvendo-o na elaboração de regras de convivência, usando alternativas cooperativas para construir a disciplina e promover a resolução de conflitos.

Dessa forma, o aluno aprende a se autorregular. À medida que expõe suas ideias, aprende a ouvir e a decidir se concorda ou não com a opinião dos outros. Gradualmente, descobre como relacionar-se com seus pares de maneira mutuamente satisfatória.

Oferecer aos alunos a possibilidade de expressão e reflexão por meio de diferentes linguagens, entre as quais a linguagem verbal e não verbal, matemática, científica, gráfica, plástica, musical e artística, é um modo de dotar de sentido e significado as suas experiências, uma vez que o ser humano se constitui nas linguagens. Por meio desse processo, poderá ampliar seu conhecimento do mundo e desenvolver sua

curiosidade científica, o raciocínio lógico e a participação cidadã na sociedade.

A mediação do professor, que se posiciona como sujeito que detém o conhecimento sobre o objeto de estudo, propicia aos alunos a aproximação dos diferentes conteúdos e fortalece o vínculo com a aprendizagem e com a apropriação dos procedimentos de estudo.

O trabalho na área de estudos judaicos dá continuidade à alfabetização em língua hebraica, com ênfase no enfoque comunicativo e, principalmente, como elemento importante da identidade judaica.

Com o ensino da Torá, pretende-se transformar esse importante documento que legitima e fundamenta toda a cultura do povo judeu em uma fonte de apoio para o cotidiano de nossos alunos. Este trabalho é uma referência que garante a incorporação de valores, localizando os alunos como pertinentes e atuantes na cultura judaica.

Enfocamos temas que vão da constituição de um povo com base nos mesmos ideais à necessidade de regras e leis regulamentadoras do convívio social, enfocando a importância de conquistar seu espaço dentro desse universo e de compartilhá-lo por meio de atitudes de respeito e aceitação ao próximo.

Eixos Norteadores

As crianças, nesta etapa, vão do egocentrismo dominante ao reconhecimento do outro, até que os grupos se formam por identificação de afinidades. As noções de justiça e solidariedade determinam novas formas de participação coletiva. As diferenças de gênero levam à modificação nos agrupamentos e percebem-se preferências por jogos de regras e por atividades esportivas coletivas.

Nessa perspectiva, as crianças, com auxílio dos educadores, desenvolvem suas singularidades e vão construindo suas aprendizagens em diferentes aspectos:

a. *Sócioafetivo (as atitudes):*

- Diálogo, na busca e troca de conhecimento e na convivência social.
- Ampliação de tempo de concentração e intensificação do ritmo de elaboração

e realização dos trabalhos escolares.

- Conquista de maior proficiência na oralidade, na leitura e na escrita para utilizá-las como ferramentas de aprendizagem dos conteúdos das diferentes áreas do conhecimento.
- Valorização da cooperação nas situações de aprendizagem como forma de compreender e respeitar os diferentes pontos de vista.
- Emprego das diversas fontes de informação na elaboração do trabalho individual e coletivo nas diferentes áreas de conhecimento.
- Percepção das possibilidades de parceria e dos recursos individuais nas situações de estudo, conquistando maior independência e organização.

b. Cognitivo:

Linguagens

- *Língua Portuguesa*: sistematização do uso da língua com função social, ou seja, em situações de expressão e comunicação, produzindo textos para leitores reais, percebendo as regularidades ortográficas e apropriação progressiva do código linguístico.
- *Arte*: apreciação de produções artísticas de diferentes épocas e grupos sociais, desenvolvendo a sensibilidade e a expressão artística. Produção de arte com técnicas, instrumentos e materiais variados.
- *Educação Física*: percepção do esquema corporal, através de atividades rítmicas, expressivas de domínio do movimento e da corporeidade; desenvolvimento de habilidades motoras básicas, com iniciação de práticas esportivas, relacionando alimentação e saúde, hábitos e atitudes saudáveis.
- *Estudos Judaicos*: Consolidação do processo de alfabetização da língua hebraica, sistematização de algumas regularidades e convenções da língua hebraica; ampliação dos valores das celebrações por meio de reflexões e das histórias do Tanach.
- *Língua Inglesa*: sistematização do processo de leitura e escrita a partir do contato com diferentes fontes de informação, diferentes realidades culturais e utilização dos

conhecimentos linguísticos na construção de projetos interdisciplinares.

Ciências Humanas e Naturais

- História, Geografia e Ciências: desenvolvimento de noções de tempo, espaço e ambiente que permitem a construção gradativa de sentir-se “pertencente a uma cultura social”, a um tempo, a um lugar e modo de produção específicos, além de compreender e respeitar os diferentes contextos.

Matemática

- Construção de noções e conceitos nos eixos da disciplina: sistema de numeração, espaço e forma, grandezas e medidas, tratamento da informação, importância da Matemática no cotidiano e na resolução das situações-problema.

6º, 7º, 8º e 9º anos

“Mais que nunca, compreendemos que a cultura é muito precisamente o que resta quando tudo foi esquecido”.

Jean Philippe de Tonnac

Ao assumir o seu lugar, entre o Ensino Fundamental I e o Ensino Médio, o Ensino Fundamental II tem uma identidade toda própria, construída a partir de três grandes pilares:

- a adolescência, que caracteriza os alunos entre 11 e 14 anos e que são a razão de ser do segmento. Na perspectiva do desenvolvimento cognitivo, esses alunos caracterizam-se pela transição do pensamento operatório/concreto para um pensamento de natureza mais complexa e abstrata, dentro de um universo simbólico muito mais rico;
- o universo cultural produzido historicamente pela humanidade e que cabe à escola preservar e transmitir; e
- a construção de valores éticos e morais, necessários para a vida em sociedade, seja no âmbito do espaço privado, tão conhecido pelo aluno, seja no âmbito do espaço público, que vai se configurando cada vez mais para o adolescente e que

dele passa a exigir determinadas posturas e responsabilidades; a garantir direitos, mas também a exigir deveres. A construção desses valores é tratada em uma perspectiva judaica e faz parte do trabalho das diferentes disciplinas que compõem a matriz curricular.

Tendo em vista esses três grandes pilares, o Ensino Fundamental II tem como objetivo maior dar continuidade à construção da autonomia intelectual e moral do aluno por meio da apropriação, ampliação e sistematização de diferentes recursos/conteúdos, ensinados pelas diferentes áreas do conhecimento.

Ao problematizar os temas em sua dimensão histórica, o segmento desenvolve as capacidades de aprendizagem ligadas ao amplo domínio da leitura e da escrita, bem como o aprofundamento do raciocínio lógico e o desenvolvimento dos procedimentos de pesquisa e interpretação de dados, de forma que possam ser utilizados, pelo aluno, no seu dia-a-dia, na resolução de diferentes situações e desafios.

Nessa perspectiva, os trabalhos interdisciplinares e os estudos do meio exercem papel de grande importância, uma vez que permitem ao aluno uma visão mais integrada do conhecimento. Nos estudos do meio é possível desenvolver procedimentos de pesquisa em campo, levando o aluno a aprimorar o olhar indagador sobre o mundo, a partir da atividade investigativa, sob três grandes aspectos: observação, coleta e interpretação de dados.

A construção da autonomia do aluno envolve, ainda, a possibilidade do indivíduo reconhecer-se sujeito, responsável por suas ações no mundo. Para isso, destacamos a construção de situações de aprendizagem que possibilitem ao aluno aprimorar a organização, adaptar-se a novas situações e administrar melhor o tempo, promovendo condições para elaborar conclusões e tomar decisões. As aulas de tutoria exercem um importante papel nesse processo, uma vez que promovem discussões sobre o processo de aprendizagem, ressaltando avanços e dificuldades do grupo-classe e também discussões sobre diferentes temas relacionados ao universo adolescente, com o intuito de conscientizá-los de seu papel como estudantes e cidadãos, seja na escola, seja em outros grupos sociais.

Pelo convívio, pela cooperação, respeito e educação solidária, o colégio integra e relaciona os diferentes conhecimentos aos valores judaicos, em busca da construção da autonomia ética e moral. Além disso, o estudo e a vivência das tradições fortalecem no aluno não só o sentimento de pertencer ao povo judeu, por meio do conhecimento de sua língua, de sua história e da relação com a história e a cultura de outros povos, como também ao povo e à cultura brasileira, aos quais está imerso.

Objetivos gerais do Ensino Fundamental II

Ao se propor a dar continuidade à construção da autonomia intelectual e moral do aluno, o Ensino Fundamental II desdobra esse objetivo maior em cinco grandes objetivos, que dialogam diretamente com as grandes competências que se espera de um aluno ao final do Ensino Básico, explicitadas na matriz de referência do Enem/2009¹:

1. Dominar diferentes linguagens, utilizando-as de forma eficiente em diferentes contextos.
2. Compreender fenômenos de diferentes áreas do conhecimento (sejam eles linguísticos, naturais, histórico/geográficos, científicos/tecnológicos, matemáticos e artísticos), apropriando-se dos principais conceitos referentes a essas áreas, tendo em vista a compreensão de diferentes contextos sócio-históricos e culturais.
3. Utilizar-se das diferentes linguagens e da compreensão dos diferentes fenômenos presentes no mundo para resolver situações-problema.
4. Construir argumentação coerente e sólida do ponto de vista linguístico-discursivo, embasada nos conhecimentos construídos nas diferentes áreas do conhecimento, de forma a utilizar a capacidade argumentativa como ferramenta de intervenção no mundo.
5. Utilizar-se dos saberes construídos nas diferentes áreas do conhecimento para uma análise crítica da sociedade que o cerca, de forma a engajar-se em atividades de transformação efetiva do seu próprio entorno.

¹MEC. Matriz de referência para o ENEM 2009, p.1

Ao construir esses cinco grandes objetivos em consonância, inclusive, com documentos oficiais que procuram dar parâmetros de organização e sistematização do trabalho escolar, não poderíamos deixar de levar em consideração a razão de ser de nossa escola, que é ser uma Instituição da e para a comunidade judaica.

É dentro dessa perspectiva, então, que destacamos a importância e o significado que ganham esses objetivos ao fazerem, todos eles, uma relação direta com a realidade que nos cerca para compreendê-la melhor e para também nela atuar, levando-se em conta os valores judaicos tão presentes no nosso cotidiano escolar, seja no que diz respeito à própria prática pedagógica, que coloca a pergunta, a discussão, a dúvida como elementos geradores de conflito cognitivo e, portanto, impulsionadores da aprendizagem, seja em relação aos valores relacionados à responsabilidade e justiça social.

A partir dessa organização mais geral do currículo do Ensino Fundamental II, procuramos criar um projeto de trabalho mais direcionado, agora, para cada um dos anos que compõe o segmento.

Eixo norteador do trabalho em cada ano do Ensino Fundamental II

A organização curricular do Ensino Fundamental II foi construída levando-se em consideração os seguintes aspectos:

1. Escolha de um eixo central que estrutura o trabalho do ano, tendo em vista a faixa etária dos alunos, bem como as problemáticas que mais sensibilizam os adolescentes nesse período, e que podem ser analisadas a partir dos diferentes olhares propostos pelas diferentes disciplinas. Podem ser discutidas, também, sob o âmbito da ética e da moral, explicitando, então, o trabalho com valores como responsabilidade e, portanto, como parte inerente do currículo.
2. A partir desse eixo central, constrói-se o tema geral que é privilegiado no trabalho da série e, derivado dele, o objetivo maior que serve de referência para cada uma das disciplinas que compõe a matriz curricular do ano e em especial para as aulas de tutoria.

3. Cada uma das disciplinas curriculares do ano constrói seu objetivo anual tendo como referências o eixo e o objetivo maior estabelecido, de forma que ele seja trabalhado ao longo de todo o ano letivo.

Ao dar ênfase ao caráter sistêmico do processo de aprendizagem, é importante destacar que a escolha dos eixos e temas de trabalho por ano é orientadora do processo e garante um tratamento mais específico para as temáticas e procedimentos envolvidos; porém, em hipótese alguma, isenta os demais anos de incorporarem tais temas e conteúdos procedimentais em seus planejamentos, pois assumimos que a aprendizagem necessita de professores e alunos que revisitem, ao longo de todo o processo escolar, os conteúdos selecionados, sejam eles de natureza conceitual, procedimental ou atitudinal. Ao longo do percurso escolar, espera-se a possibilidade de diferentes abordagens, bem como mais profundidade e complexidade de análise e reflexão.

6º ano

“Em cada século, desde o começo do mundo, foram feitas descobertas maravilhosas. No último século, mais do que em qualquer outro antes. E neste agora, centenas de coisas ainda mais surpreendentes virão à luz.”

Frances Hodgson Burnett (in “Jardim Secreto”)

O objetivo maior do 6º ano é instrumentalizar o aluno para ele adaptar-se a uma série de mudanças que ocorrem em sua vida escolar, permitindo-lhe a superação das dificuldades relacionadas ao hábito de estudar.

A diretriz central do trabalho, então, é a organização que favorece ao aluno, frente às alterações que marcam a dinâmica pedagógica, a adaptação ao maior número de professores e à maior divisão da carga horária, bem como possa, diante das transformações relacionadas à chegada da adolescência, compreender o que ocorre consigo mesmo e conciliar seus conflitos pessoais com a dinâmica mais intensa dos estudos.

Para isso, destacamos a importância da ampliação do ritmo de estudo na sala de aula e também em casa, bem como a necessidade de se valorizar o registro como

hábito. Simon Dubnov, historiador judeu fuzilado pelos nazistas em Riga, deixou-nos suas palavras finais: “Schreibt und farschreibt!” – “Escreva e registre!”

Ao dar os primeiros passos em direção a uma maior estruturação da produção de conhecimento, procuramos aprofundar a orientação de estudos tanto em casa quanto na escola, dando continuidade às orientações e aos hábitos de estudo e de pesquisa.

Dentro desse enfoque é que escolhemos como tema geral do sexto ano: “Organizar-se é preciso e para isso é preciso conhecer a si e ao mundo”.

Dentro desse universo temático, duas são as perspectivas de trabalho: uma mais pragmática e da rotina, que envolve o trabalho sistemático de organização (do material, do caderno, do estudo em casa, da organização de calendário, do registro) e outra que envolve, de forma contextualizada, a ampliação do conhecimento de mundo que as diferentes disciplinas curriculares permitem, seja por meio das leituras indicadas, seja por meio das situações-problema propostas e conteúdos trabalhados. Dentre tais estratégias que ampliam a visão de mundo do aluno, por meio dos procedimentos metodológicos ensinados nessa etapa da aprendizagem, especialmente aqueles voltados para a observação e para a ampliação do universo da leitura e da escrita, privilegiam-se os textos narrativos. A ênfase é dada, também, para as sequências de natureza mais argumentativa.

Destaca-se, ainda, a importância de se trabalhar com os alunos a noção de espaço coletivo, como nos ensinam nossos sábios: “Kol Israel arevin ze La ze” (Shavuot) – “Todos somos responsáveis uns pelos outros”. A própria classe é assim compreendida e, nesse sentido, um espaço de constante negociação e de garantia de direitos do grupo, que se sobrepõe aos interesses individuais, ainda muito presentes no adolescente, recém egresso do universo infantil.

7º ano

“...na sua alma de menino pela primeira vez vislumbrou uma vaga ideia do que é, afinal, a vida, da qual todos somos os soldados e os servidores, ora tristes, ora alegres.”

Ferenc Molnár (In: Os meninos da Rua Paulo)

Alicerçado o trabalho de organização e conhecimento de mundo, cabe ao sétimo ano dar continuidade a ele, propondo ao jovem aluno olhar o mundo sob outras perspectivas: a dos vários outros, a partir do próprio olhar. E é nessa constante tentativa de compreender o outro, que podemos nos compreender e nos constituir mais humanos.

Cientes de que tal abordagem só é possível tendo em vista todo o trabalho anterior realizado a respeito de diversidade e alteridade, o 7º ano propõe tratar a diversidade a partir do conflito inerente às relações humanas que são constitutivos dos fenômenos socioculturais produzidos pela humanidade.

Nesse sentido, assumimos um viés metodológico que procura revelá-los e a partir disso, analisar e refletir a respeito das ações humanas, sejam elas em relação aos “outros”, sejam elas em relação ao meio ambiente em que se vive.

Olhar as diferentes produções culturais a partir de seus próprios produtores é um grande desafio proposto a esses jovens que, por meio de procedimentos de pesquisa, agora mais específicos e pontuais, devem sistematizar suas observações, apresentá-las e defendê-las oralmente, por escrito e, também, por meio de outras manifestações culturais, como as artísticas e corporais, ampliando o seu repertório nas diferentes áreas do conhecimento.

Ao se propor o estudo da diversidade, acreditamos ainda que esse estudo também permite ao aluno olhar para aquilo que está bem próximo dele e que, no dia a dia parece tão “comum”, tão “normal”, tão “corriqueiro”. É na superação desse olhar superficial que se espera construir uma análise mais crítica e reflexiva da realidade que nos cerca.

Em outra perspectiva, o 7º ano também volta-se para o próprio universo histórico-

cultural do povo judeu e, por meio do projeto do “Álbum de Família”, busca resgatar, na diversidade de histórias das famílias, a tessitura da própria história do povo judeu no Brasil, país marcado pela diversidade. Busca, também, resgatar a história de vida de cada um. Como lembra-nos a Ética dos Pais: “Da meain bata ulean at holech” – “Saiba da onde vens e para onde vais”.

As alunas, também, se preparam para um momento todo especial, o Bat Mitzvá. Ao longo de todo o ano, faz-se uma profunda reflexão a respeito do papel da mulher na comunidade judaica, simbolizada pelo seu valor, que “excede ao das pérolas” (Shlomo Hamelech); da figura de mãe e mulher, que atua na sociedade por meio de suas ações no campo familiar, profissional e social, assumindo sua responsabilidade, acima de tudo, na promoção da vida.

8º ano

“Dito isto, meteu-se em Itaguaí, e entregou-se de corpo e alma ao estudo da ciência...”

Machado de Assis (In “O alienista”)

Levando-se em consideração o estágio de desenvolvimento cognitivo, emocional e social do aluno, que já possui maior domínio das práticas escolares e um repertório conceitual mais amplo, que favorecem a busca de respostas às mais diversas indagações, propõe-se ao aluno do 8º ano olhar-se, levando-se em consideração o olhar do outro e responsabilizando-se pelo impacto de suas ações no outro. Muda-se a perspectiva em relação ao 7º ano, mas se mantém o princípio de que o desenvolvimento do indivíduo acontece dentro do universo sócio-cultural em que vive.

Autoconhecimento e autocuidado, então, são fundamentais para o aluno que vive, intensamente, os conflitos característicos da adolescência e da puberdade, conflitos esses forjados no seio da sociedade contemporânea e, portanto, tratados numa perspectiva sócio-cultural, o que leva o adolescente a ter de reconhecer os parâmetros sociais e culturais que constituem suas relações e exigem dele determinadas posturas.

Mas para isso, precisamos levar em conta que o aluno do 8º ano é um adolescente “à flor da pele”, que oscila entre preservar a infância, que lhe garante segurança e proteção e a necessidade constante de saber mais, de ser curioso e audaz, que o impulsiona para o desafio, para o crescimento, para o futuro, para o conhecimento científico, mas também que o coloca diante de muitos riscos e conflitos. Ao mesmo tempo em que o mundo adulto o fascina, assusta-o.

É nesse momento que os meninos vivem o Bar Mitzvá e por meio desse rito de passagem vivem, simbolicamente, a transição do universo infantil para o adulto. A maioria religiosa, então, fortalece o orgulho de “ser judeu”, ao mesmo tempo em que conclama o jovem para assumir sua responsabilidade frente à comunidade.

Acreditamos que é na cooperação que os alunos aprendem a se relacionar com os conflitos, inclusive pessoais e a selecionar os recursos para aprender a lidar com eles.

Do ponto de vista cognitivo, centra-se o trabalho no levantamento sistemático de hipóteses e nos procedimentos necessários para a validação ou não delas, bem como na construção e ampliação ainda maior dos conceitos, uma vez que são competências esperadas para essa faixa etária.

9º ano

“Um homem foi bater à porta do rei e disse-lhe, Dá-me um barco. A casa do rei tinha muitas mais portas, mas aquela era das petições...”

José Saramago (In: O conto da ilha desconhecida, pág 5)

O 9º ano exerce um duplo e importante papel: ele faz o fechamento do Ensino Fundamental II e, portanto, tem caráter de síntese, mas ao mesmo tempo, prepara e prenuncia o Ensino Médio.

Como momento de síntese, serve-se de todo o trabalho desenvolvido nos diferentes anos que compõem o segmento e tem como diretriz principal a autonomia: a construção do conhecimento é vista como um processo social e colaborativo, mas que exige uma postura individual responsável e autônoma.

Como momento de transição, antecipa preocupações próprias do mundo adulto, entre elas, aquelas relacionadas às escolhas, universo temático que orienta o trabalho das diversas disciplinas e que faz parte do campo de ação do cidadão no mundo atual.

Muitos dos grandes dilemas da humanidade apresentam-se ao jovem adolescente no 9º ano do ensino fundamental, exigindo dele um posicionamento mais analítico, responsável, crítico e ético. Não é por acaso, portanto, que o século XX é dissecado por meio do estudo das mais diversas manifestações que ao mesmo tempo o constituem e o caracterizam, seja no âmbito da Ciência, da Arte, da Literatura, da História ou de outros campos do saber.

Ainda dando conta do duplo papel deste ano, seja o de síntese ou o de preparação, é no 9º ano que o aluno desenvolve procedimentos de pesquisa, resultando em um artigo de divulgação científica. Para tanto, é preciso, inclusive, aplicar grande parte dos conhecimentos internalizados a respeito da atividade de pesquisa e que foram, pouco a pouco, desenvolvidos ao longo do Ensino Fundamental.

Para isso, leva-se em consideração as diferentes áreas do conhecimento, que agora o aluno já conhece com mais detalhe, desde a escolha do tema, à leitura e seu registro por meio de fichamentos; da escolha bibliográfica à sua sistematização formal; das primeiras escritas do artigo à sua sistematização por meio de uma argumentação mais sólida e consistente. Sendo assim, essa vale-se dos conhecimentos linguístico-discursivos adquiridos para sustentar uma tese e refutar as demais e da habilidade de construir argumentos e contra-argumentos. Dessa forma, o aluno percebe-se diante de inúmeras escolhas no âmbito acadêmico.

Mas ele também está diante de profundos dilemas pessoais: uma série de descobertas, desejos, interesses e curiosidades apresentam-se de forma dúbia e contraditória. As crenças morais e éticas entram em conflito com a onipotência que acompanha o crescimento do adolescente e os apelos que emergem de alguns setores da sociedade, por exemplo: sexo, drogas, total liberdade trazem outra face, que não é o prazer. Escolher o caminho a seguir depende dos recursos cognitivos, morais e éticos que foram construídos ao longo de todo o percurso não

só, mas também escolar. E por isso, a escola judaica tem um papel fundamental, pois ela assume o compromisso de trabalhar os saberes construídos pela humanidade, bebendo nas diversas fontes do judaísmo, destacando a interação, o convívio e a relação entre humanos como condição básica para nossa existência. :
“In ein ani li, mi li. Uchsheani le atzmi ma ani ,veim lo achschav eimatai” - Se não eu por mim, quem será? E quando eu sou por mim, quem sou eu? Senão agora, quando? (Ética dos pais).

Matriz Curricular – Ensino Fundamental

Legislação	Componentes Curriculares	Nº de aulas semanais											
		1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º	9º			
Lei Federal Nº 9.394/96 Res. CNE/CEB Nº 02/1998	Base Nacional Comum	Língua Portuguesa	9	9	9	9	9	7	7	7	6		
		Arte(cênica, plástica e musical)	3	3	2	2	2	2	2	2	2		
		História e Geografia	3	3	-	-	-	-	-	-	-		
		História	-	-	2	2	2	3	3	3	3		
		Geografia	-	-	2	2	2	3	3	3	3		
		Ciências	2	2	2	2	2	4	4	4	4		
		Matemática	6	6	7	7	7	7	7	7	6		
		Ed. Física *	2	2	2	2	2	2	2	2	2		
		Total Base Nacional Comum	25	25	26	26	26	28	28	28	28	26	
		Art. 26 da Lei Nº 9394/96	Parte Diversificada	Língua Inglesa	4	4	4	4	4	4	4	4	4
				Língua Hebraica	4	4	4	4	4	3	3	3	3
				Valores e Tradições Judaicas	2	2	2	2	2	1	1	1	1
				Estudos Bíblicos/Torá	1	1	1	2	2	-	-	-	-
Estudos Bíblicos/Tanach	-			-	-	-	-	2	2	2	2		
História Judaica	-			-	-	-	-	2	2	2	2		
Iniciação Científica	-			-	-	-	-	-	-	-	2		
Projetos	1			1	-	-	-	-	-	-	-		
Tutorial/Assembleia	1			1	1	-	-	1	1	1	1		
Total Parte Diversificada	13			13	12	12	12	13	13	13	13	15	
Total Geral	38			38	38	38	38	41	41	41	41	41	

A educação é um processo social, é desenvolvimento. Não é a preparação para a vida, é a própria vida.

John Dewey

Anos se passaram desde que aquela criança, que fazia as primeiras garatujas, passasse a dominar a leitura e a escrita e desvendasse o universo misterioso dos números; olhasse a si e aos outros e fizesse as primeiras descobertas, por meio de sua inserção no universo da cultura, a respeito do mundo em que vivia.

O prazer da descoberta, o desafio da conquista e a liberdade de sonhar, tão próprios da criança foram, ao longo do tempo, dando condições para que ela, na interação com parceiros mais experientes, pudesse, ao longo do tempo, desenvolver-se. Nesse sentido, a educação é um processo fundamentalmente social.

A criança cresceu e, recém chegada à adolescência, olha para si e para o mundo com outros olhos. O adolescente, então, deflagra e expõe o ser humano na sua condição mais humana: medos, insegurança, prazeres, desejos, vontades, amores, raiva, sonhos estão todos ali aflorados e atuantes. As relações se complexificam; os conflitos intensificam-se na escola e na família, porém, a compreensão de mundo ganha mais profundidade e a maior capacidade de abstração permite ao processo escolar dar um formato mais acadêmico e reflexivo à aprendizagem, ainda que o aluno, muitas vezes, resista a esse universo mais formal.

Diante das dores do mundo, o adolescente comove-se. Diante das injustiças humanas, ele posiciona-se. Contraditoriamente, sua própria dor quase sempre é maior, a injustiça que a ele atinge é quase sempre mais injusta. Os valores éticos e morais são questionados e cabe à escola criar condições para que ela seja espaço de discussão e consolidação desses valores.

O jovem adolescente amadurece e diante dos dilemas pessoais e das exigências sociais, vê-se cada vez mais próximo do mundo adulto. O final do Ensino

Fundamental II simboliza o encerramento de um processo educativo e ritualiza a passagem do aluno para um outro universo no mundo da Educação Básica, que é o Ensino Médio.

Para o aluno do Ensino Médio, menos infantil e mais cidadão do mundo, a escola passa a ter outro significado e, talvez por isso, o sentido da aprendizagem ganha novos contornos.

As demandas sociais e as expectativas familiares unem-se a uma crescente preocupação do jovem aluno a respeito de seu futuro. As escolhas em relação ao dever acadêmico e profissional concretizam-se com a proximidade cada vez maior do vestibular e da responsabilidade que isso traz, seja em relação à escolha profissional que está ligada a isso, seja à possibilidade de uma formação acadêmica mais consistente e sólida nas grandes universidades do país e, por que não, no exterior.

Mas tudo isso não é uma preparação para a vida. É a própria vida. A escola faz parte da vida, não a antecede e, por isso, seu caráter é eminentemente humanista. O objeto de estudo primordial para a construção do conhecimento no Ensino Médio é o homem, nas suas mais diversas dimensões, criações e na sua interação com o outro e com o ambiente no qual está inserido. Por isso, não se concebe um conhecimento que não seja contextualizado. É na relação com sua história, com seu tempo e seu espaço, que o ser humano, com determinadas características sociais e diante de circunstâncias específicas, criou conhecimento e, à luz do presente, por meio da cultura, fez sobreviver determinados saberes em detrimento de outros esquecidos. Assim, analisamos e refletimos acerca do conhecimento construído pela humanidade e, a partir dele, construímos o nosso próprio conhecimento de mundo.

Portanto, com o propósito de uma educação mais humanista e em consonância com as orientações formuladas pelas Diretrizes do Ensino Médio, publicadas pelo Ministério da Educação e o próprio ENEM, o colégio organiza a matriz curricular deste segmento por Áreas do Conhecimento: Códigos, Linguagens e suas tecnologias, que compreendem as disciplinas de Língua Portuguesa, Língua

Inglesa, Espanhol, Arte e Educação Física; Ciências da Natureza e suas tecnologias, que compreendem Biologia, Física e Química; Ciências Humanas e suas tecnologias, que compreendem História, Geografia, Sociologia e Filosofia e Matemática e suas tecnologias.

Em primeiro lugar, a organização da matriz curricular por áreas de conhecimento vem ao encontro da crença da escola de que o fortalecimento dessas áreas garante uma visão mais global do conhecimento, garantindo o diálogo entre os diferentes especialistas, que podem lançar seu olhar mais específico sobre determinados fenômenos e mantendo um diálogo constante com outras disciplinas.

Diante disso, faz-se necessário reiterar que a matriz curricular, embora organizada por áreas de conhecimento, não inviabiliza a existência das disciplinas e, ainda, exige a especialização do professor que as ministra. Na verdade, nossa crença maior é que através do diálogo entre as disciplinas de uma mesma área do conhecimento e entre diferentes áreas, o aluno poderá ter uma visão mais aprofundada daquilo que está estudando.

Ao dar continuidade ao trabalho realizado ao longo do Ensino Fundamental, o Ensino Médio tem como objetivo maior atuar na consolidação da autonomia intelectual e moral do aluno dentro de duas grandes perspectivas.

A primeira perspectiva coloca o conhecimento como objeto de ensino e aprendizagem, mas também como objeto de pesquisa e reflexão. Lembrando Morin: *“Não há conhecimento «espelho» do mundo objetivo. O conhecimento é sempre tradução e construção. Resulta daí que todas as observações e todas as concepções devem incluir o conhecimento do observador-conceitualizador. Não ao conhecimento sem autoconhecimento.”*²

Destacamos, então, o importante papel que exercem, professor e aluno, ao se voltarem aos conhecimentos já construídos pela humanidade de forma reflexiva e crítica, tendo em vista as questões que o seu contexto coloca. São justamente essas questões, as quais inquietam o jovem estudante, que se tornam a base do trabalho do projeto monográfico desenvolvido ao longo do primeiro e segundo anos do

² Edgar Morin, in 'Os Meus Demónios'

Ensino Médio e que resulta num artigo científico.

A segunda perspectiva diz respeito à atuação do jovem na sociedade, tendo como parâmetros de ação os conhecimentos e experiências vividos no espaço escolar. Conhecimento reconstruído e ressignificado à luz da vida em comunidade e da prática da cidadania. Aqui, cabe uma advertência: conhecimento significativo, não conhecimento utilitário. Em uma sociedade na qual o imediatismo e a mercantilização do tempo nos compele a dar valor somente ao que tem utilidade prática e momentânea, o que a escola propõe é uma outra relação com o tempo e com o conhecimento, relação essa que está alicerçada na pausa: pausa para a escuta e para a reflexão, tempo para maturação das ideias, para a escrita e re-escrita.

Intencionalmente, essa postura vai de encontro ao fluxo rápido e ao ritmo imposto pela globalização à geração atual. É dessa forma que o jovem, que se aproxima da fase adulta, poderá fazer parte do mundo, utilizando os recursos tecnológicos que a ele são oferecidos de forma consciente e construtiva, contribuindo para uma vida mais digna, seja no que diz respeito às relações humanas, seja em relação à vida no planeta.

Essas duas grandes perspectivas são, antes de qualquer coisa, perspectivas de natureza essencialmente judaicas. Mais que elegermos conteúdos judaicos, o que acreditamos é que a essência do trabalho esteja alicerçada em princípios judaicos universais: a valorização do conhecimento, que faz do povo judeu o “Povo do livro”; a tzedaká, que faz cada um de nós ser responsável pela justiça social e a necessidade da pausa para o descanso, mas também para a reflexão, simbolizada no Shabat, quando acendemos as velas que iluminam nosso caminho.

1ª série

**“Que vai ser quando crescer? Vivem perguntando em redor. Que é ser?
É ter um corpo, um jeito, um nome? Tenho os três. Eu sou?
Tenho que mudar quando crescer? Usar outro nome, corpo e jeito?
Ou a gente só principia a ser quando cresce? É terrível, ser? Dói? É bom?
É triste? Ser: pronunciado tão depressa, e cabe tantas coisas?
Repito: ser, ser, ser. Er. R.
Que vou ser quando crescer? Sou obrigado a? Posso escolher?
Não dá para entender. Não vou ser. Vou crescer assim mesmo.
Sem ser, esquecer.”**

(Verbo ser, Carlos Drummond de Andrade)

Desde muito pequenininho, a pergunta “O que você vai ser quando crescer?” está presente em nossas vidas, seja porque já nos fizeram essa pergunta, seja porque já a fizemos a alguém.

Jogador de futebol, policial, bombeiro, bailarina, astronauta, princesa, super-herói. Na imaginação já fomos tantas coisas...E como parecia distante o momento da efetiva escolha...

O ingresso no Ensino Médio parece trazer essa pergunta à baila novamente, gerando novos questionamentos das famílias e dos jovens. Aproxima-se o momento de uma escolha decisiva, que está relacionada ao percurso acadêmico e profissional que o aluno quer seguir.

A escola, então, compreende a importância de colaborar para que a escolha desse jovem seja feita de forma consciente. Para isso, é preciso criar condições para que ele apropriem-se de ferramentas acadêmicas mais complexas e que consolide uma série de saberes acadêmicos interligados, os quais, conjuntamente com a consolidação de princípios éticos e morais pautados na tradição judaica, possibilitarão a atuação e embasamento das escolhas futuras do jovem.

Diante disso, as diferentes disciplinas da matriz curricular, organizadas por áreas de conhecimento, permitem ao aluno aprofundar os saberes acadêmicos,

estabelecer maior ou menor afinidade com este ou aquele olhar lançado pelas disciplinas sobre os diferentes fenômenos presentes no mundo, bem como com as diversas metodologias que podem ser utilizadas para a análise e para a reflexão desses fenômenos, que se tornam objetos de estudo mais específicos.

Esse aprofundamento do estudo, caracterizador do primeiro ano do Ensino Médio, dá um novo sentido à aprendizagem e propõe um novo desafio ao aluno, por meio do projeto monográfico.

Ao dar continuidade ao projeto de Iniciação Científica, responsável pelo fechamento do trabalho no 9º ano do Ensino Fundamental, o projeto monográfico exige do aluno do Ensino Médio uma maior autonomia de estudo e produção.

Tal projeto é organizador dessa etapa da escolaridade. Envolvido pelos diferentes saberes presentes no estudo das diferentes disciplinas e áreas do conhecimento, o aluno faz sua escolha temática e o recorte do objeto de estudo e debruça-se, individualmente, sobre a pesquisa. O refinamento do trabalho de pesquisa ganha contornos bastante claros. A ação do professor orientador é primordial, lançando luz nos diferentes caminhos que a pesquisa pode seguir, assim como dando condições para que o aluno perceba as relações existentes entre a pesquisa propriamente dita e os diferentes saberes que estão sendo estudados no dia-a-dia da escola.

Aquilo que era sonho de criança vai ganhando a cara do mundo adulto. Pensar a escolha da profissão a partir dos saberes das diferentes áreas do conhecimento e do próprio autoconhecimento, dá condições ao aluno de identificar suas fortalezas e fragilidades, suas afinidades e desejos futuros, de forma a poder fazer sua escolha acadêmica, configurada na escolha do curso e também na escolha profissional que advém do próprio ingresso na universidade. Essa escolha exige não só um amplo conhecimento das diferentes profissões que existem no mercado, mas também dos diferentes conhecimentos inerentes às disciplinas escolares e às áreas de conhecimento que compõem o Ensino Médio.

2ª série

“Sou uma estrutura psicológica e histórica. Recebi uma maneira de existir, Um estilo de existência. Todas as minhas ações e meus pensamentos estão em relação a essa estrutura.

No entanto, sou livre, não apesar disto ou aquém dessas motivações, Mas por meio delas, são elas que me fazem comunicar com minha vida, com o mundo e com minha liberdade.”

(Maurice Merleau-Ponty)

A 2ª série do Ensino Médio propõe-se a ser continuidade da primeira. Por isso mesmo, é marcada pelo desenvolvimento da pesquisa iniciada no ano anterior e que, ao final do ano, resulta em uma monografia.

Embora seja contínua, são grandes os desafios dessa etapa, seja em relação à complexidade dos fenômenos que são estudados e analisados, seja em relação à necessidade de maior fundamentação da crítica e profundidade das reflexões que precisam ser feitas diante dos conteúdos trabalhados.

O aluno do Ensino Médio encontra-se imerso no mundo da cultura, dele fazendo parte; porém já tem maturidade para buscar certo afastamento, necessário para a reflexão crítica, que pode se materializar por meio de diferentes linguagens e com o uso das diferentes tecnologias que estão a serviço do ser humano e que, na escola, também são objeto de aprendizagem.

Como parte da comunidade judaica, o jovem da segunda série enfrenta outro grande desafio: a viagem para a Polônia e Israel, dentro do projeto que ficou conhecido como “Educação para a Vida”. Trata-se de uma experiência extremamente rica, cheia de simbolismo e que exige do jovem aluno capacidade de discernimento e reflexão para o estudo em campo.

Trata-se de reconstruir parte da história do povo judeu e também da humanidade, tendo que lidar com a condição humana em suas múltiplas facetas, entre elas aquelas que colocam em xeque valores essenciais para a vida, como a liberdade, a solidariedade, a justiça e, por que não dizer, a própria vida e a existência do indivíduo e de um povo.

Por isso, acreditamos que nesse percurso, o qual envolve a preparação dos alunos para a vivência, a viagem em si e o retorno, cresce o sentimento de pertencimento do indivíduo à comunidade e sua identidade se fortalece.

Porém, é a maturidade desse jovem judeu que é muito exigida ao longo desse estudo, pois é preciso saber lidar com os sentimentos muito conflitantes que surgem ao longo da experiência. É importante que a escola propicie a esses alunos condições para que lidem com a dor, própria da experiência da Polônia, mas que tenham consciência de que a história não é revivida e que refazer o percurso dos antepassados não significa alimentar essa dor e fechar-se, ao contrário. Significa que, buscando algum grau de afastamento, necessário para a análise da história, observemos e analisemos os fenômenos que permitiram a Shoá e que, diante disso, nos posicionemos a favor do respeito à diversidade e à pluralidade cultural, fundamentais para a coexistência no mundo contemporâneo.

Mais que isso, significa poder reconhecer e valorizar a existência de uma forte comunidade judaica antes da Shoá, concretizada nas marcas dos shtetls, das sinagogas que ainda existem, dos cemitérios que guardam a memória do povo. Significa, também, andar pelas ruas que andaram nossos antepassados e, de uma forma ou de outra, confirmar a perpetuidade do povo judeu.

Ademais, a chegada a Israel, após a experiência na Polônia, também precisa ser compreendida à luz das relações internacionais que marcam os dias atuais. Se a primeira sensação é de liberdade e proteção, derivados do sentimento de pertencimento ao povo judeu, é preciso que o aluno procure, utilizando-se dos saberes ensinados pela escola, compreender melhor as relações interculturais e interreligiosas que estão presentes no cotidiano da sociedade israelense.

3ª série

“Há tempos em nossa vida que contam de forma diferente.

Há semanas que duraram anos, como há anos que não contaram um dia.

**Há paixões que foram eternas, como há amigos que passaram céleres, apesar do
calendário nos mostrar que ficaram por anos em nossas agendas.**

**Há amores não realizados que deixaram olhares de meses, e beijos não dados
que até hoje esperam o desfecho.**

**Há trabalhos que nos tomaram décadas de nosso tempo na Terra, mas que
nossa memória insiste em contá-los como semanas.**

E há casamentos que, ao olhar para trás, mal preenchem os feriados da folhinha.

**Há tristezas que nos paralisaram por meses, mas que hoje, passados os dias
difíceis, mal guardamos lembrança de horas.**

Há eventos que marcaram, e que duram para sempre...”

Mário Quintana

A 3ª série do Ensino Médio é ano de encerramento. Fecha-se um ciclo, encerra-se uma etapa da vida. É hora de se despedir do convívio diário na e da escola judaica, mas não da comunidade. A ela, cada um dos jovens pertence, mas também é por ela responsável. E com certeza, saberes e eventos experienciados na escola marcarão a vida de cada um e durarão para sempre.

Conhecimento acadêmico, interligado com a vida em comunidade, contribuíram, ao longo de anos, para a formação de jovens autônomos e responsáveis. É no terceiro ano, então, que se recupera o “ciclo da vida”, e se refaz, de forma simbólica, o percurso dessa formação. Conteúdos são revisitados, metodologias são reiteradas e também questionadas, sínteses são feitas. É hora de colocar o pé na estrada e ousar novos desafios. O vestibular se avizinha e uma preparação mais intensa é o que propõe o último ano do Ensino Médio.

Novos caminhos trazem insegurança. Com alicerce acadêmico, ético e moral, o jovem tem condições de planejar e utilizar-se dos instrumentos dos quais se apropriou, ao longo de todo o seu percurso escolar, para não só escolher caminhos, mas também saber percorrê-los com destreza.

A identidade judaica, que está na razão de ser da escolha por uma escola judaica, geralmente feita lá nos primeiros anos de vida da criança, está tatuada no jovem

que, inserido na comunidade maior, traz como traço constitutivo de si mesmo a alteridade. Por meio da alteridade legitimamos a existência do outro e, por isso, a existência de nós mesmos. Essa é a garantia da perpétua existência da diferença, que faz do mundo um lugar especial, onde o jovem, formado na escola judaica, atuará perpetuando os valores dessa comunidade e contribuindo para a vida em sociedade.

Uma nova etapa de vida se vislumbra, porém a casa estará sempre aberta. É esta segurança, é essa proteção um dos aspectos mais acolhedores da vida em comunidade.

Matriz Curricular – Ensino Médio

Lei Federal Nº 9.394/96		Res.CNE/CEB Nº 03/1998 Indicação CEE Nº 09/2000	Base Nacional Comum	Áreas de conhecimento	Componentes Curriculares	Nº de aulas semanais		
Art. 26 da Lei 9.394/96	Parte Diversificada					1ª	2ª	3ª
						4	4	4
					Língua Portuguesa	2	2	2
					Literatura	2	2	2
				Linguagens	Língua Inglesa	2	2	2
					Língua Espanhola	2	2	-
					Arte	2	-	-
					Ed. Física *	2	2	1
				Matemática	Matemática	5	6	5
					Biologia	4	4	4
				Ciências da Natureza	Física	4	4	4
					Química	4	4	4
					História	3	3	4
				Ciências Humanas	Geografia	3	3	3
					Filosofia	2	2	1
					Sociologia	2	2	1
				Total da B.N.C		41	40	35
					Monografia	1	2	-
				Ciências Humanas	Estudos Contemporâneos	1	1	-
				Total parte diversificada		2	3	-
				Total geral do curso		43	43	35

Estudos Judaicos

A partir das transformações socioeconômicas, culturais e tecnológicas ocorridas durante as últimas décadas do século XX e a primeira década do século XXI, o Colégio Renascença, como as demais instituições de ensino, confrontou-se com novos paradigmas pedagógicos e educacionais em todos os âmbitos que compõem o ambiente e a estrutura escolar. Nesse contexto, a Educação Judaica – mais do que seu diferencial, sua razão de existir – deve buscar estratégias e procedimentos que atendam às novas demandas e respondam aos novos desafios.

A Educação Judaica pressupõe a ideia de construção da concepção de mundo e do desenvolvimento humano dos indivíduos a partir do legado histórico, cultural, filosófico e religioso do Judaísmo, que foi transmitido de geração em geração e que deve ser ressignificado continuamente, como sempre foi, levando-se em consideração o contexto histórico vivido.

Assim sendo, a missão do Colégio Renascença – enquanto escola judaica – é assumir a responsabilidade de fazer parte desta corrente milenar formando as próximas gerações de judeus, tendo em vista o fortalecimento da identidade judaica de nossos alunos e a consequente continuidade do Judaísmo. Buscamos favorecer a continuidade possibilitando ao aluno reconhecer, compreender, interpretar e vivenciar tanto a complexidade quanto as particularidades do Judaísmo. Em suma, compreensão e vivência, conhecimento e investigação, tradição e renovação devem coexistir e relacionar-se constantemente no ensino judaico de nossa escola.

Acreditamos que a transmissão de tamanho legado deve estar inserida em uma perspectiva judaica mais ampla, partindo da escala que vai da composição e do aperfeiçoamento do universo interior do indivíduo – Tikun Atsmi (concerto próprio) – e chegando ao anseio de construir uma sociedade global mais pacífica, tolerante e justa – Tikun Olam (concerto do mundo) –, sendo ambos pilares da tradição judaica.

Como um elemento de ligação entre o passado e o presente, a continuidade deve também lançar um olhar para o futuro. Nosso objetivo é desenvolver um sentimento de pertinência dos nossos alunos não só ao povo judeu, mas à comunidade judaica local e ao Estado de Israel.

Enquanto escola sionista, o ensino sobre o Estado de Israel permeia os diversos segmentos e aborda a contextualização histórica de seus dilemas sócio-políticos, a apresentação de seus avanços sócio-econômicos e tecnológicos, bem como a avaliação acerca da imagem que os nossos alunos têm do estado judeu.

Abrimos espaços para reflexões e discussões temáticas atuais a fim de informar e conscientizar os alunos quanto aos desafios enfrentados pelo Estado de Israel, além de ampliar e reforçar seu vínculo e o compromisso com o mesmo.

A presente proposta curricular deve levar em consideração a especificidade e o papel da Área Judaica de ser a principal – e algumas vezes a única – fonte de transmissão da tradição judaica aos nossos alunos. Daí a importância redobrada de estruturar um currículo que propicie um ensino de conteúdos e vivências judaicas de forma consistente e sistematizada, organizado por profissionais que associem com competência, largo conhecimento a metodologias eficientes a prática educativa.

Os valores judaicos são comprometidos com o respeito às diferenças culturais, étnicas, biofísicas e cognitivas. O respeito à diversidade e à pluralidade são, portanto, princípios norteadores do trabalho da Área Judaica, que deve garantir a constituição de um espaço escolar aberto a toda a comunidade. Neste ensejo, é de suma importância a inserção da Área Judaica na conjuntura das disciplinas da Área Geral, como parte do compromisso de proporcionar aos nossos alunos uma formação judaica e universal, com ênfase no desenvolvimento do senso crítico.

Com base nos princípios citados, a proposta curricular da Área Judaica será elaborada de acordo com as disciplinas e os principais projetos apresentados a seguir:

- **Língua Hebraica**

O Colégio Renascença reconheceu a Língua Hebraica como um dos principais elementos que promovem a identidade do povo judeu. Neste sentido, o hebraico traduz-se na base da expressão cultural judaica ao longo dos tempos, não só como o elo com os textos bíblicos e litúrgicos, mas também como o idioma revitalizado pelo advento do Movimento Sionista, que culminou na criação do Estado de Israel. O domínio da língua hebraica possibilita ao aluno conectar-se ao passado, ao presente e ao futuro de seu povo.

Com o intuito de aprofundar o ensino da Língua Hebraica em nossa escola, habilitar nossos alunos - ao longo do Ensino Fundamental - a dialogar, utilizando vocabulário diversificado, moderno e funcional, a ler e compreender textos com diferentes graus de complexidade e a redigir textos com estruturas completas, adotamos, a partir do 1o. ano do Fundamental, o programa Tal Am. Este programa, utilizado por inúmeras escolas de diferentes diásporas, desenvolve primordialmente as habilidades de leitura e escrita, com base em um currículo holístico espiralado, focado nas capacidades do aluno.

- **Valores e Tradições Judaicas (V.T.J.)**

Estudar, refletir e vivenciar os valores judaicos, as datas e as festividades do nosso calendário são procedimentos essenciais para a construção de uma memória judaica coletiva. Memória esta que será primordial para manter a continuidade das tradições e costumes, herança de tantas gerações, e o fortalecimento da identidade judaica dos nossos alunos.

Os valores judaicos conduzem a um aprimoramento individual do ser humano, com deveres e direitos, inculcando consciência de responsabilidade pessoal e coletiva. Nosso intuito é despertar um sentimento de conexão com nossas ricas tradições, calcadas na ética e na moral judaicas, fazendo com que os alunos percebam sua relevância contemporânea e sejam capazes de aplicá-las em seu dia a dia.

- **Tanach (Bíblia Hebraica)**

O Tanach é fonte primordial da qual emanam a história, a tradição, a ética, a moral e a fé judaica. O ensino do Tanach desenvolve o sentimento de pertinência ao povo judeu e a identificação com sua saga milenar original. Nossos alunos compreendem gradativamente o papel fundamental da revolução cultural desencadeada pelos valores apresentados pelo Tanach no cenário da antiguidade. Uma ruptura que formou as bases das três religiões ocidentais, e também dos ideais da civilização ocidental.

O conhecimento dos principais personagens e dos contextos históricos em que estavam inseridos, bem como as incontáveis análises e possíveis leituras de suas atuações – até mesmo de um ponto de vista anacrônico – propiciam maior familiarização com os parâmetros judaicos e valores elencados. Da mesma forma, fomentam reflexões sobre as relações entre o homem e D'us, entre o homem e seu semelhante e entre o homem e o mundo.

- **História Judaica**

A disciplina de História Judaica é complementar à disciplina de Tanach, já que a abordagem desta última em nossa escola enfatiza seu aspecto narrativo-histórico. Assim sendo, o principal objetivo do curso de HJ é propiciar maior entendimento acerca dos processos históricos pelos quais o povo judeu passou - desde a destruição do Segundo Templo até os dias atuais - inseridos no contexto histórico geral.

A partir do estudo mais aprofundado de cada fase histórica, buscamos entender a diáspora do povo judeu e suas especificidades: a formação das comunidades ashkenazim e sefaradim, a vida judaica nos universos cristão e islâmico durante as eras medieval e moderna, o envolvimento judaico na história do Brasil, o surgimento do movimento nacional judaico moderno (o Sionismo) e a criação do Estado de Israel.

• **Chidon Tanach Miriam Smaletz Z"l.**

O estudo do Tanach (Torá, Neviim e Ketuvim) é, sem dúvida, o principal pilar da educação judaica. Por isso, nós, do Colégio Renascença, enfatizamos o estudo do Tanach, em grande parte do processo de formação judaica dos nossos alunos. Esta era a bandeira de uma das mais importantes educadoras da narrativa de nossa escola – a Morá Miriam Smaletz z"l.

O Chidon Tanach (Concurso de tanach) é uma atividade cujo formato já se consagrou nas comunidades judaicas espalhadas pelo mundo como instrumento de incentivo aos estudos bíblicos.

Assim sendo, para fortalecer a Área de Tanach de nossa escola e para prestar justa homenagem a uma personalidade ímpar, que fez história na comunidade Renascença, a Área Judaica lançou, em 2011, a primeira edição do CHIDON TANACH MIRIAM SMALETZ Z"l, que veio para ficar.

Objetivos:

- Motivar os alunos para o estudo do Tanach.
- Revisar e aprofundar os conteúdos estudados.
- Proporcionar uma experiência significativa, que incentive o estudo e a meritocracia.

• **Projeto Educação Para a Vida (EPV)**

Uma vivência inesquecível na vida de qualquer ser humano, fundamental para todo judeu. Assim podemos resumir o Projeto EDUCAÇÃO PARA A VIDA, cuja fase inicial consiste em um curso preparatório de estudos sobre a Shoá (Holocausto) e Sionismo. Ela culmina com uma viagem de uma semana à Polônia, visitando os principais cenários da Shoá, e duas semanas em Israel, conhecendo seus mais significativos contextos.

Os objetivos pedagógicos do Projeto EDUCAÇÃO PARA A VIDA são:

- Consolidar a identidade judaica e sionista.
- Transformar o estudo da Shoá em algo marcante e consistente, preservando a memória judaica e mundial.
- Compreender a importância do Estado de Israel para as comunidades judaicas do mundo.
- Coroar a formação judaica escolar.
- Cristalizar os laços entre os colegas.
- Conscientizar a importância do engajamento comunitário.

Língua Portuguesa

A linguagem é compreendida como prática social que se realiza na interação verbal entre as pessoas nas diferentes práticas sociais da cultura como, por exemplo: ler em cerimônias religiosas, ler para decidir a que filme assistir, ler na sala de espera de um consultório médico, escrever anotações de uma palestra, anotar recados recebidos para passar aos seus destinatários, proferir uma conferência, ler livros de literatura por puro prazer estético ou entretenimento, ler textos acadêmicos para estudar, ler jornais, informar-se, entre outras.

Considerando que a finalidade principal de uma escola de vocação democrática como a nossa é a formação do aluno para a participação cidadã, não fica difícil compreender a importância do ensino de língua portuguesa. Nas sociedades letradas, essa participação se dá por meio das práticas sociais de linguagem sejam elas orais ou escritas. Por isso, estas práticas serão tomadas como objeto de ensino nas atividades escolares.

Dessa forma, tornam-se conteúdos de ensino em Língua Portuguesa todos os conhecimentos necessários para que um sujeito possa participar de maneira proficiente das diferentes práticas de linguagem, sejam eles os conceitos relativos à língua e a linguagem (os conteúdos discursivos, textuais, gramaticais e notacionais), os procedimentos e comportamentos que utilizamos para ler, escrever e também para nos comunicar oralmente, ou os valores relativos às diferentes práticas de linguagem.

O ensino de Língua Portuguesa, então, será organizado de modo a trazer para a sala de aula as diferentes situações comunicativas – quer sejam típicas da escola, quer se realizem fora dela, criando condições para que o aluno seja capaz de usar adequadamente a língua, em suas modalidades escrita e oral.

O objetivo primordial das atividades quando se tratar de produzir textos, será sempre a construção da competência dos alunos para adequarem o seu texto ao leitor pretendido, às finalidades colocadas, ao lugar em que o texto circulará (na escola, na classe, na comunidade judaica ampliada, por exemplo), ao gênero no qual será organizado (se será um conto de fadas, uma fábula, um artigo de divulgação científica, um poema, uma monografia...), ao portador no qual será publicado (livro, revista, álbum, CD, jornal, mural...) e às demais características do contexto de sua produção. Quanto mais adequado estiver o texto a esses aspectos, mais qualidade terá.

É claro que concorrem para a qualidade do texto o saber grafá-lo corretamente, organizá-lo internamente de maneira coerente e coesa, editorá-lo de modo a atender à necessidade de legibilidade. Nesse sentido, portanto, é fundamental também o aprendizado dos conhecimentos textuais, gramaticais e notacionais.

Sendo assim, as atividades de produção de textos – desde os primeiros contatos dos estudantes com a linguagem escrita – serão organizadas de modo a apresentar aos alunos o contexto de produção dos textos, de forma a orientar a produção por meio das características desse contexto, e prevendo uma avaliação dos textos produzidos que considere a adequação do resultado a esses aspectos.

Quando se trata de ler textos, acreditamos que não é mais suficiente – ainda que possa ser necessário – o aluno mostrar que compreendeu um texto por meio de respostas escritas dadas a um conjunto de perguntas apresentadas. Mais do que isso, é fundamental que o aluno se posicione diante do que leu, contrapondo seus sentidos sobre o tema aos que foram veiculados no texto, comparando, analisando, refletindo e constituindo uma opinião cada vez mais consistente a respeito do assunto. Além disso, é imprescindível recuperar o contexto no qual os textos foram escritos: saber quem escreveu (conhecendo sua obra e seu estilo), em

que época, por quais motivos, e a quem se dirigia pode contribuir de maneira significativa para a compreensão mais adequada das prováveis intenções de significação do autor.

No processo de leitura, também é de fundamental importância a constituição de critérios de apreciação estética, ética e afetiva dos materiais com os quais se tem contato. A prática educativa, nesse sentido, prevê a realização de atividades nas quais as leituras são compartilhadas, opiniões são socializadas, dúvidas são explicitadas e esclarecidas em conversas democráticas, gostos pessoais são expostos sem constrangimentos. Esse propósito requer, fundamentalmente, a organização de roda de leitores para troca de apreciações, a elaboração de diários pessoais de leitura, o estudo orientado de um conjunto obras de um determinado autor para identificação de seu estilo (desde os anos iniciais), e não exercícios verificadores de leitura.

Os mesmos princípios e pressupostos orientam a prática de linguagem oral, considerando sua especificidade.

Finalmente, é fundamental afirmar que todo o processo de aprendizado da língua portuguesa é realizado por uma prática fundamentalmente reflexiva, da compreensão do sistema ao estudo da literatura. Também nessa perspectiva de linguagem entendemos o processo de alfabetização e o ensino de literatura.

- **Alfabetização e ensino de Língua Portuguesa**

Em coerência com a concepção de linguagem acima apresentada, compreendemos a alfabetização como processo que se realiza no interior das práticas sociais de linguagem. Isso significa que a compreensão sobre o “código” acontece enquanto se aprende a linguagem verbal e, em especial, a linguagem escrita.

Compreendemos que a escrita é ferramenta que torna possível o registro da linguagem. Esse objeto é visto por nós não como código de transcrição da linguagem, mas como sistema de representação da mesma. Por isso, sua apropriação acontece através de um processo por meio do qual o aluno vai

elaborando explicações a respeito de o que a escrita representa (a fala) e de que maneira representa (alfabeticamente), até que possa compreender sua natureza. Trata-se, portanto, de processo fundamentalmente cognitivo, e não essencialmente perceptual, o que tem implicações profundas na organização das atividades de ensino: este não mais pode ser caracterizado como processo de prontidão para a alfabetização, realizado por meio de atividades perceptuais e de motricidade. Ao contrário, precisa ser caracterizado pela reflexão efetiva sobre a escrita, por meio de atividades que permitam que o aluno entre em contato efetivo com ela, e possa — de maneira mediada por parceiros mais proficientes — pensar a respeito da sua natureza.

Comprendemos, ainda, que o processo de alfabetização acontece no interior de um processo mais amplo, o de letramento. Neste, a compreensão da escrita — sistema de registro gráfico da linguagem verbal, seja ela oral ou escrita — não se confunde com a linguagem escrita, cujo processo de apropriação pode acontecer antes mesmo da compreensão do sistema. Nessa perspectiva, o contexto do processo de alfabetização é a prática constante de leitura e de produção de textos em linguagem escrita, ainda que o aluno não os grafie de próprio punho, mas os dite para o professor registrá-lo por escrito.

• **O ensino de literatura**

Formar leitores de literatura significa formar indivíduos que, assim como os leitores experientes, possam decidir quando, como e o que ler; tenham autores e gêneros de sua preferência; troquem com seus parceiros indicações literárias; apreciem não apenas o texto que narra, mas também a maneira como o faz; encontrem relações entre os textos que lêem; construam interpretações sobre leituras que realizam e assim por diante.

Entender que a leitura de algumas obras significativas da literatura contribui para a ampliação do repertório de cada um e para o progressivo aprofundamento das suas experiências como leitores é importante. Portanto, a leitura integral das obras solicitadas é fundamental, assim como o uso constante dos livros lidos em sala. É só a partir da leitura de cada um que se pode abordar os elementos que compõem as diferentes formas literárias e perceber como a análise crítica alimenta os vínculos

do aluno com as obras.

Além disso, ler e compreender literatura significa avançar na identificação dos elementos que compõem a narrativa: a formação do ponto de vista, a constituição do narrador, a progressão temporal e os processos de ambientação no interior de uma história, além de aprofundar a análise de personagens e tema. Compreender com maior clareza o contexto formalizado pelo texto literário é fundamental; para tanto é necessário agregar outro sentido para a leitura, sempre tão complexa, da literatura, e, para tanto, ver como a análise pode se enriquecer com o comentário, que esclarece acerca dos elementos externos que atuam no interior da representação.

Por fim, a literatura também deve ser estudada em sua a progressão histórica. A periodização é o fio condutor desse tipo de abordagem, que só se encerra ao final do terceiro ano do Ensino Médio. A partir das discussões sobre a estrutura da obra literária, suas relações com a realidade e com a sociedade, novos modos de ler os textos serão conhecidos, como aliar à análise a discussão das ligações existentes entre um determinado princípio estético e a particularidade da obra de alguns autores fundamentais na literatura portuguesa.

É tarefa de nossa escola, portanto, criar momentos de contato frequente e sistemático com a literatura, bem como tornar acessível aos alunos um repertório de obras de qualidade, que atenda aos seus interesses e aos interesses que a escola deseja criar e que também contribua para alcançar os propósitos formativos que persegue.

Língua Inglesa

Partindo do pressuposto - assim como em Língua Portuguesa - de que a linguagem é um processo de interação verbal que se realiza nas práticas sociais, nosso principal objetivo no currículo de Inglês é ensinar o idioma de maneira a recuperar, em atividades de aula, situações comunicativas que se dão não apenas dentro, como, principalmente, fora da escola.

De maneira significativa e contextualizada, visamos desenvolver habilidades e

competências por meio de atividades interdisciplinares que favoreçam a observação, a análise de situações reais e a utilização da Língua Inglesa para comunicação. Trabalhamos, ao longo da escolaridade, as quatro macro-habilidades listening, speaking, reading e writing, de acordo com os objetivos de cada segmento, a fim de que os alunos tornem-se usuários das habilidades comunicativas de modo a atuar em situações diversas.

No início, as crianças conscientizam-se da existência das línguas estrangeiras, pois através de histórias, músicas, jogos e brincadeiras, elas interagem utilizando a língua de forma bastante lúdica, já que o nosso foco nesse momento é a oralidade (compreensão e produção oral).

Ao longo dos anos/séries, objetivamos que os alunos construam conhecimento sistêmico e textual, tornando-se capazes de utilizar o Inglês em diferentes situações sociais e buscamos aprofundar seus conhecimentos gramaticais e de vocabulário nos mais diversos gêneros textuais. Esperamos, ainda, valorizar a leitura como fonte de informação e prazer, utilizando-a como meio de acesso ao mundo do trabalho e dos estudos avançados.

Para que isso se efetive, contamos com carga horária diferenciada, professores especializados e materiais específicos para o trabalho com os objetivos de cada segmento. As aulas são conduzidas utilizando-se, predominantemente, o inglês, e são consideradas as especificidades dos diferentes campos do saber e de sua compreensão para a formação global do aluno.

Partindo do princípio de se trabalhar com a identidade judaica em todas as áreas, propomos ao longo do ano letivo, atividades sobre costumes e tradições judaicas, bem como de países de Língua Inglesa. Podemos citar, por exemplo, Valentine's Day, Purim e Passover como algumas das atividades desenvolvidas.

O trabalho em subgrupos (do 1º ao 5º ano) e por níveis (realizado a partir do 6º ano) tem como objetivo levar todos os alunos a avançar no aprendizado de Língua Inglesa. Acreditamos que, atendendo a cada um em suas necessidades específicas, poderemos continuar a prepará-los para o uso cotidiano do idioma, visando, também, à conquista de certificações internacionais, como por exemplo, os

exames da Universidade de Cambridge e o exame TOEFL JR reconhecidos em todo o mundo.

Língua Espanhola

O curso de Língua Espanhola do Ensino Médio tem por objetivo ensinar o idioma por meio da abordagem de conteúdos judaicos; tanto sobre o Judaísmo - temáticas relacionadas à religião e à cultura judaica, quanto sobre a realidade israelense, em seus mais variados aspectos - notícias, cultura, esporte, economia, política, moda, ciências, tecnologias e educação. Tudo isso por meio de textos retirados de livros, jornais e revistas, impressos e virtuais.

A meta é possibilitar, ao final da 2ª série, que os alunos apresentem um grau avançado de domínio da língua que lhes possibilite ler, compreender e usar o espanhol em situações cotidianas e acadêmicas.

Matemática

É bastante consensual, na sociedade contemporânea, a ideia de que conhecimentos matemáticos são importantes para a vida das pessoas, desempenhando papel essencial na formação do cidadão.

Além disso, sabe-se que a atividade matemática estimula o desenvolvimento da capacidade de raciocínio por meio do exercício constante de formulação de conjecturas, de observação de regularidades, entre outros. Em função disso, duas vertentes definem as finalidades da Educação Matemática, na direção de contribuir para a formação intelectual dos estudantes: seu caráter prático, utilitário e o desenvolvimento do raciocínio lógico, dedutivo e indutivo.

Dentre as características ligadas à função utilitária da Matemática, uma delas tem relação com as necessidades cotidianas do sujeito e a outra com a necessidade de estudo de outras áreas do conhecimento que utilizam conceitos matemáticos como ferramentas. Por isso, a organização do currículo investe em um ensino contextualizado socialmente, visando contribuir tanto para a compreensão do mundo contemporâneo, quanto para a organização da ação nele próprio.

A vertente ligada à formação intelectual do aluno tem a ver com o lado

investigativo e especulativo da atividade matemática, na qual se destacam a elaboração de hipóteses, a construção de argumentações lógicas e a realização de generalizações, o que possibilita o reconhecimento e a compreensão da estruturação da Matemática como ciência.

Desde as primeiras fases da escolaridade, o ensino da Matemática valoriza o conhecimento extraescolar, adquirido pela criança em seu convívio social, considerando-o como ponto de partida para garantir a todos, em igualdade de condições, a construção de novos conhecimentos essenciais à vida em sociedade. Isso inclui a compreensão e uso de informações numéricas e geométricas e o trabalho com todos os eixos do programa de matemática: números e operações, grandezas e medidas, geometria e tratamento da informação. As atividades lúdico-educativas em matemática, desenvolvidas no Ensino Fundamental I, constituem, para as crianças, um espaço de investigação e construção do conhecimento. Segundo Piaget, a atividade lúdica é o “berço obrigatório das atividades intelectuais da criança, sendo, por isso, indispensável à prática educativa”. Por estar impregnado de aprendizagem, o jogo promove a autonomia intelectual do aluno. Investimos, entre outras atividades, no xadrez, nos jogos com regras e no Tangram (antigo quebra -cabeças chinês).

O programa de Matemática adota como eixos metodológicos a resolução de problemas e as investigações nas aulas, buscando possibilitar o envolvimento efetivo dos estudantes na construção dos conceitos, na leitura, na escrita e no processo de apropriação da linguagem matemática, equilibrando momentos de contextualização e não contextualização.

As atividades de criação e resolução de problemas e os processos investigativos propiciam condições para que os alunos aprendam Matemática com compreensão. Por meio deles são valorizadas habilidades como a leitura e interpretação de textos e outras formas de representação da linguagem matemática; o reconhecimento das operações e técnicas necessárias à sua resolução; a realização de estimativa dos resultados e a análise da coerência das respostas. Além disso, essas atividades têm importante papel na socialização dos estudantes, pois criam oportunidades para que eles façam descobertas, expressem

seu raciocínio e compartilhem maneiras diversas de resolver um mesmo problema. No Ensino Fundamental II, a estrutura de oficina de avanço investe na resolução de problemas não convencionais, isto é, aqueles que os alunos não possuem uma estratégia “pronta” de resolução, favorecendo sua autonomia intelectual. Na oficina de recuperação, investimos, além da resolução de problemas, na retomada de conteúdos essenciais desenvolvidos no curso.

À medida que avança a seriação, os alunos se deparam com uma Matemática mais abstrata e sofisticada. Nesse momento, o ensino da disciplina procura consolidar e aprofundar conhecimentos já adquiridos, buscando também construir a autonomia intelectual do aluno em uma perspectiva de formação para a cidadania.

História

A disciplina de História tem por objetivo criar condições para que os alunos aprendam a dialogar com o passado de forma a compreender sua realidade em comparação com outras realidades históricas, construindo sua identidade por meio da compreensão e historicização da contemporaneidade. Segundo Pinsky “cada estudante precisa se perceber, de fato, como sujeito histórico, e isso só se consegue quando se dá conta dos esforços que nossos antepassados fizeram para chegarmos ao estágio civilizatório no qual nos encontramos.”³

Enxergar-se, identificar-se, reconhecer-se como pessoa é fundamental para a construção da identidade pessoal que se forja em relação com outras identidades pessoais e coletivas. Daí a importância de se considerar a vivência do aluno como essencial ao processo de aprendizagem, mas sempre em comparação com outras realidades, com outras vivências, com outras comunidades. É reconhecendo o diferente que a própria identidade e responsabilidade pessoal se constroem. Porém, não basta reconhecer, mas também compreender, acolher e respeitar o diferente. Daí nossa preocupação em focar o trabalho de História no estudo das transformações e permanências, na identificação e compreensão das diferenças e

³ Pinsky, Jaime e Pinsky, Carla Bassanezi Introdução In: Karnal, Leandro (org). História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas. São Paulo: Contexto, 2003, p. 20

semelhanças em diferentes tempos e espaços.

A História é percebida como um processo construído que comporta diversas interpretações e apresentamos os conceitos de “tempo histórico”, “processo histórico” e “sujeito histórico” como alicerces de todo o trabalho escolar. Segundo Bezerra “os registros ou as evidências da luta dos agentes históricos são o ponto de partida para entendermos os processos históricos”⁴.

Dentro dessa perspectiva, o conceito de tempo histórico ganha grande importância na medida em que os processos históricos são sempre estudados considerando-se a diacronia e a sincronia temporal, bem como considerando os diferentes ritmos de duração temporal (o tempo das permanências, por exemplo).

Por outro lado, se estamos preocupados com a ação humana concreta, compreendemos a importância da construção do conceito de sujeito histórico. Não um sujeito sem vida e passivo, mas um sujeito histórico vivo e atuante, seja ele pessoa individual (como o próprio aluno), seja ele inserido em um grupo ou em uma coletividade mais ampla.

Compreender o jeito de viver de diferentes grupos sociais, em diferentes tempos e espaços em comparação com o seu próprio jeito de viver, permite, assim, construir a própria identidade e desenvolver o respeito e a solidariedade em relação ao “outro”, em relação ao diferente.

O objeto de estudo, nessa perspectiva, centra-se no conhecimento das ações humanas ao longo do tempo numa sociedade marcada pela complexidade.

Do ponto de vista metodológico, a área procura orientar os alunos no sentido de estabelecerem relações entre o passado e o presente de forma a compreender a atualidade numa perspectiva histórica. Para isso, é fundamental o desenvolvimento das seguintes habilidades: leitura e compreensão de textos, produção textual, estabelecimento de relações de diferentes níveis: relações de causalidade, de temporalidade e espacialidade e relações de pertinência.

Para que nosso objetivo maior seja alcançado, trabalhamos as diferentes

⁴ Bezerra, Holien Gonçalves. Ensino de História: conteúdos e conceitos básicos. In: Karnal, Leandro (org). História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas. São Paulo: Contexto, 2003, p.43

realidades humanas em comparação umas com as outras, respeitando e compreendendo a diversidade e inserindo a história do povo judeu dentro dos processos históricos trabalhados, de forma a contribuir, também, para a construção da identidade judaica dos nossos alunos.

Geografia

A ciência geográfica perpassa as relações entre o espaço natural e as transformações causadas pelo ser humano ao longo do tempo. Tempo esse que não se baseia em dias, horas ou minutos, mas em grandes Eras Geológicas, as quais formaram e transformaram o espaço que compreende o planeta Terra. Assim, mais do que estudar o espaço que o ser humano habita, a Geografia busca compreender o Universo inserindo a Terra.

Dessa forma, estudar geografia não é meramente recorrer a nome e lugares de diferentes países, mas conhecer, analisar e interpretar as transformações ocorridas no espaço, sejam elas causadas por fenômenos naturais, sejam elas decorrentes da ação humana.

É com esse princípio que objetivamos criar condições para que os alunos se reconheçam como agentes de transformação do espaço geográfico e que possam estabelecer relações com os elementos naturais e humanos que cercam a Geografia. Como dizia Milton Santos, “a realidade social é mutável e o pensamento científico tem que ser capaz de acompanhar essa mudança”. Assim, nos aproximamos dos estudos acadêmicos e nos propomos a aproximá-los do cotidiano do aluno, incentivando – o a investigar e, se possível, promover as transformações necessárias para a reconstrução do espaço.

Do ponto de vista metodológico, a Geografia deve ser o meio de apresentar o mundo à criança e ao adolescente, despertando a consciência de estar e agir no mundo e para o mundo. Nos primeiros anos de escolaridade, a ciência geográfica está posta concretamente nas referências espaciais relacionadas ao próprio sujeito. Primeiro, com o desenvolvimento das modalidades sensoriais (audição, visão e tato) e da motricidade e, depois, a partir dessas aquisições, com a

ampliação do domínio espacial através do esquema corporal. Ao adotar o corpo como base cognitiva para exploração do espaço, a criança passa a ser capaz de enfrentar e resolver problemas eminentemente espaciais ligados à representação, orientação e à localização.

A linguagem cartográfica apresenta – se como instrumento central da abordagem do conteúdo e passa a garantir a ampliação dos sistemas de representação já utilizados pela criança em seus desenhos. A partir daí, noções como lugar, paisagem, tempo e trabalho vão centralizar as atividades e propostas de trabalho.

Ao longo dos anos/séries, o foco no conteúdo conceitual passa a ter mais destaque com uso de outras fontes escritas, orais e iconográficas. A leitura e a escrita são fundamentais para ampliar as relações entre os valores pessoais do aluno e os princípios que subjazem o ensino da Geografia. Nesse momento, os alunos utilizam os conceitos e as noções geográficas para estruturar e organizar suas reflexões e assim, a leitura do espaço geográfico torna-se questão central do processo de aprendizagem.

Ao final do processo educativo a autoria do aluno é o grande desafio, que se concretiza com o desenvolvimento da capacidade de articular conceitos e argumentações que sistematizem o conhecimento construído ao longo de toda a escolaridade.

Ciências Naturais

As Ciências Naturais representam um conjunto de conhecimentos que colaboram, efetivamente, para a compreensão do mundo e de suas transformações, assim como para o reconhecimento do homem como parte do universo e como indivíduo.

Dessa forma, não se pode, hoje, conceber a formação de um cidadão crítico sem que este possa perceber-se como sujeito inserido em uma sociedade na qual o conhecimento científico e tecnológico é cada vez mais valorizado.

A apropriação dos conhecimentos relativos às ciências naturais certamente contribui para o *“questionamento do que se vê e ouve, para a ampliação das explicações acerca dos fenômenos da natureza, para a compreensão e valoração dos modos de intervir na natureza e de utilizar seus recursos, para a compreensão*

*dos recursos tecnológicos que realizam essas mediações, para a reflexão sobre questões éticas implícitas nas relações entre Ciência, Sociedade e Tecnologia”.*⁵

Nessa perspectiva, a área de Ciências Naturais tem por objetivo incentivar os estudantes a enxergar e a usar evidências científicas nas mais variadas situações que compõem o seu cotidiano. Para isso, pautamos nossas práticas na aprendizagem significativa, que requer uma articulação entre habilidades, atitudes e conteúdos conceituais. Segundo Ward (2009), *“aprender ciências é permitir ao aluno interagir com uma nova cultura, uma nova forma de ver o mundo e seus acontecimentos, podendo modificá-lo e a si próprio através de uma prática consciente propiciada por sua interação de saberes e noções, bem como das habilidades ao fazer Ciência viva”.*⁶

Explorar, observar, descrever, problematizar, experimentar são processos – e procedimentos - fundamentais na construção do “ser científico”. Por esse motivo, concebemos que o fio condutor de nosso processo é a investigação.

Nos anos iniciais, o professor propõe situações para reflexão e, progressivamente, os alunos começam a apresentar as suas próprias questões. Essa estratégia de ensino, segundo Pérez⁷, coloca a aprendizagem como um tratamento de situações-problema abertas que partem do interesse dos alunos, assinalando um processo determinante de aprendizagem em Ciências.

Diante desse movimento, os experimentos são valorizados como um dos tipos possíveis de investigação, não se limitando apenas ao saber realizá-los, mas compreendendo-os como um processo de reflexão sistemática, de criatividade e mesmo de invenção. Para apoiar esse processo, adotamos o material CTC (Ciência e Tecnologia com Criatividade) desenvolvido pela Sangari. O material organiza as situações de investigação, potencializando o desenvolvimento de atitudes científicas.

⁵ Brasil. Secretaria de Ensino Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais. Ciências Naturais. Brasília (DF): MEC; 1997 (p.22).

⁶ WARD Hellen, RODEN, Judite, HEWLETT, Claire, FOREMAN, Julie. Ensino de Ciências. São Paulo (SP): Artmed; 2009 (2a. edição).

⁷ CACHAPUZ, Antônio, PEREZ, Daniel Gil, CARVALHO, Anna Maria Pessoa. Necessária renovação para o Ensino de Ciências. São Paulo (SP); Cortez Editores; 2005 (p.119).

A partir do Fundamental II, além de trabalharmos com experimentos sugeridos pelo professor, os alunos são incentivados a propor seus próprios experimentos, guiados pelas hipóteses levantadas diante do problema que desejam resolver.

Por outro lado, se estamos preocupados com o ser científico, compreendemos a importância dos conteúdos conceituais de Ciências.

Trabalhamos desde os primeiros anos, na medida do possível, com a integração dos saberes de Química, Física, Biologia, Geologia e Astronomia, proporcionando aos estudantes que entrem em contato com os sistemas físico-químicos, os sistemas vivos, a Terra e o espaço e os sistemas tecnológicos. Consideramos que, para efetivar a integração entre as disciplinas, há necessidade de estabelecimento de conceitos-chave. Tais conceitos estão organizados nos seguintes eixos: adaptação, evolução, diversidade, composição, transformação de materiais, modelos e energia. Para desenvolver esse trabalho, contamos com o material LSS (Learning Skills for Science) desenvolvido pelo Instituto Weizmann. Esse material integra conteúdos e habilidades numa abordagem espiral.

Entendemos que o trabalho pautado nas relações CTSA (Ciência, Tecnologia, Sociedade e Ambiente), facilita o estabelecimento de propostas interdisciplinares. Com isso, nossos professores, elegem assuntos ligados ao cotidiano e relacionam com o eixo ambiental e tecnológico. Esse procedimento, assegura o desenvolvimento de projetos que utilizam as mais variadas tecnologias, interligados, ao mesmo tempo, com ações voltadas para a sustentabilidade do ambiente.

Acreditamos que, ao percorrerem esse caminho, nossos alunos estarão preparados para identificar e explicar fenômenos cientificamente e, sobretudo, para utilizar as evidências científicas na melhoria da qualidade de vida no mundo a sua volta.

Arte

O homem, desde sempre, tem buscado compreender o seu lugar no universo analisando e interpretando os mais distintos fenômenos e aspectos da sua

existência, as mais diferentes manifestações simbólicas da sua cultura.

E não é só a Ciência que apresenta ao homem possibilidades de construir essa significação. Também a Arte responde a essa necessidade, possibilitando a ele a construção de objetos de conhecimento que lhe permitem a significação do mundo em um constante processo de transformação de si e da realidade que o cerca.

Assim como a Ciência, a Arte pode ser compreendida como o lugar de expressão das experiências e representações imaginárias das distintas culturas, que se renovam através dos tempos, construindo o percurso da história humana.

Nessa perspectiva, pensar no ensino da Arte é pensar na leitura e produção na linguagem da Arte. O objetivo fundamental dessa área é tratar a Arte como conhecimento, criando condições para que os alunos percebam que ela é importante na escola porque é importante fora dela. Por ser um conhecimento construído pelo homem através dos tempos, a Arte é um patrimônio cultural da humanidade e todo ser humano tem direito e acesso a este saber.

Deste modo, busca-se contribuir com o desenvolvimento da identidade pessoal, da consciência perceptiva e crítica, com o despertar da sensibilidade estética, da imaginação e do poder criativo que existe em cada um por meio de três linguagens artísticas: a linguagem musical, a linguagem teatral e a linguagem visual.

Para desenvolver o ensino da Arte trabalhamos a partir de três campos conceituais fundamentais e interdependentes: a produção, que trata da criação e do fazer artístico; a fruição, que enfoca a percepção e a análise do indivíduo frente àquilo que os sentidos captam do percebido; a reflexão, que refere-se ao conhecimento da produção artístico-estética da humanidade, compreendendo-a histórica e culturalmente.

Nessa direção, do ponto de vista metodológico, investimos em procedimentos de aprendizagem que estimulam no aluno experiências perceptivas e cognitivas, que possibilitam a ele tanto a criação de formas artísticas que estabelecem a relação entre sentir, perceber, imaginar e realizar um trabalho de arte, quanto o desenvolvimento de habilidades (como as cognitivas, perceptivas, intuitivas),

técnicas, experimentações e pesquisas de materiais.

Promovemos, assim, por um lado a vivência do fruir, que aguça a percepção de cada indivíduo por meio de apreciações; por outro, a experiência de refletir sobre a arte como objeto de conhecimento, contextualizando o tempo e o espaço histórico e cultural em que o objeto artístico foi realizado.

Para tanto, é fundamental o contato direto com museus, exposições, galerias, apresentações musicais e teatrais, de acordo com projetos e temas correspondentes ao estudo de cada ano escolar.

Somos seres mergulhados em um mundo diverso. Nossa história pessoal e cultural está impregnada em nós, determinada pelo tempo e espaço. Por isso, entendemos que pela Arte e produções artísticas,, é preciso que levemos o aluno ao conhecimento de diferentes culturas, de modo a reconhecer, compreender e respeitar essa diversidade que o universo globalizado precisa compartilhar. Mais do que isso, é preciso que o aluno aprenda a se comprometer com a própria identidade cultural. A Arte torna-se, desta forma, um caminho que promove reflexões que podem também suscitar o autoconhecimento, o conhecimento do outro e do mundo em que vivemos.

Por fim, é preciso ressaltar que o ensino da Arte não tem como finalidade a formação de um artista, e sim, a constituição de um ser sensível e pensante. Acreditamos que a Arte, em todas as suas linguagens, contribui para a ampliação da leitura que se possa realizar do mundo, na construção de um olhar pensante, sensível, poético, crítico, questionador, transformador, indispensável ao exercício da cidadania e à construção de um mundo melhor.

Educação Física

A Educação Física é entendida como uma área que trata de um tipo de conhecimento denominado cultura corporal de movimento, que tem como temas o jogo, a ginástica, o esporte, a dança, a capoeira e outras temáticas que apresentam relações tanto com as principais questões dessa cultura, quanto com o contexto histórico-social dos alunos.

Nessa perspectiva, compreende-se, por um lado, que o movimento é o principal meio e fim da Educação Física na escola. Dessa forma, uma aula de Educação Física deve privilegiar esse tipo de aprendizagem, proporcionando ao aluno condições para que seu comportamento motor seja desenvolvido levando-se em conta a interação entre o aumento da diversificação e a complexidade dos movimentos. Pode-se afirmar, então, que o principal objetivo da Educação Física é oferecer experiências de movimento adequadas ao nível de crescimento e desenvolvimento dos alunos, a fim de que a aprendizagem das habilidades motoras seja alcançada.

Por outro lado, entende-se que a seleção de conteúdos das aulas de Educação Física deve considerar a sua relevância social, sua contemporaneidade e sua adequação às características sócio-cognitivas dos alunos, ressaltando que é preciso fazê-los confrontar os conhecimentos do senso comum que já possuem com o conhecimento científico, de maneira a ampliar seu repertório. Além disso, os conteúdos da Educação Física devem propiciar uma melhor leitura da realidade, de forma a possibilitar sua transformação.

Na Educação Física, parte-se da compreensão de que o desenvolvimento da criança se dá a partir da articulação de diversos aspectos: psicológicos, cognitivos e afetivos. Estes aspectos são favorecidos pela estimulação e vivência em atividades físicas, o que chamamos de domínio motor, que é constituído tanto por habilidades motoras, quanto por capacidades. As primeiras são definidas por Magill (2000)⁸ como “o ato que requer o movimento que deve ser aprendido a fim de ser executado corretamente”. Já as capacidades motoras são consideradas como um traço geral do indivíduo, relacionado à qualidade do desempenho do aluno.

Nessa perspectiva, busca-se o desenvolvimento integral da criança. Por um lado, pretende-se a formação do sujeito como pessoa e cidadão, procurando contribuir, inclusive, para a formação ética do aluno. As atividades desenvolvidas na área buscam, então, incentivar a capacidade de participação, desenvolver o respeito, a cooperação e a solidariedade entre os alunos, assim como a adoção de hábitos saudáveis, o que contribui para constituição de uma melhor qualidade de vida.

⁸ MAGILL, Richard. Aprendizagem motora: conceitos e aplicações. São Paulo: Blucher, 2000.

Por outro lado, prioriza-se o aspecto motor, procurando criar condições para que os alunos compreendam a importância da atividade física, atinjam uma autonomia e consciência corporal.

No processo de ensino, do ponto de vista metodológico, procura-se respeitar o ritmo próprio da criança, considerar aspectos regionais e a realidade sócio-cultural dos alunos, pois o mais importante não é a execução perfeita do movimento, mas, sim, a tentativa de realizar o gesto motor. Além disso, as atividades desenvolvidas nas aulas buscam, através do movimento, educar para a vida.

Dois princípios básicos orientam o trabalho educativo da área: o princípio da inclusão e o da diversidade. O primeiro refere-se ao fato de que a definição de objetivos, conteúdos, processos de ensino e aprendizagem e a avaliação têm como meta a inclusão do aluno na cultura corporal de movimento, por meio da participação e reflexão concretas e efetivas. O segundo procura legitimar as diversas possibilidades de aprendizagem que se estabelecem, assim como considerar, nesse processo, as dimensões afetivas, cognitivas, motoras e socioculturais dos alunos.

De acordo com todas essas premissas, na Educação Infantil e nos cinco primeiros anos do Ensino Fundamental, procura-se proporcionar às crianças situações de aprendizagem que possibilitem um desenvolvimento harmônico. Além disso, por meio da interação entre o aumento da diversificação e complexidade de movimento, busca-se possibilitar a formação de estruturas cada vez mais organizadas e complexas.

Dos 10 aos 12 anos de idade, quando a maioria inicia os quatro últimos anos do Ensino Fundamental, os jovens estão aptos a adquirir habilidades específicas, tais como, modalidades esportivas coletivas em seus sistemas de marcação e ataque, movimentos ensaiados e movimentos acrobáticos.

Além disso, um trabalho de formação esportiva com equipes de treinamento (principalmente nos esportes coletivos) é também desenvolvido. Este, além de procurar criar condições para que os alunos saibam lidar com as emoções aplicadas à competição (alegria, prazer, tristeza, frustração, exaltação, etc), auxilia na formação ética do aluno, visando, assim, um equilíbrio entre o ser e o ter, entre o

acolhimento
descobertas
respeito
desafios
visão
compromisso
identidade
sucesso

RENA

eu me orgulho



www.renascenca.br